EAESP/FGV

PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE O COTIDIANO E PROBLEMAS PSICOSSOMÁTICOS DE FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS, A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Professora Orientadora : Maria José Tonelli Aluna : Carolina Harumi Koshima

Market 196

EAESP/FGV

PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE O COTIDIANO E PROBLEMAS PSICOSSOMÁTICOS DE FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS, A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Professora Orientadora : Maria José Tonelli Aluna : Carolina Harumi Koshima

Índice:

00
01
02
12
15
17
18
19
21
81
106
119

Apresentação do trabalho:

O título original desta pesquisa era "Problemas psicossomáticos presentes no funcionalismo público".

Entretanto, o que tinha sido planejado inicialmente, não foi alcançado na sua totalidade, pelos dados que puderam ser obtidos pelas entrevistas.

A pesquisadora estava na condição de observadora-participante, ou seja, de alguém que está no cotidiano desta situação de trabalho - como colega dos entrevistados. Por esse motivo, decidiu-se que não era conveniente refazer as entrevistas ou coletar outros dados nesse ambiente, inclusive porque alguns entrevistados se mostraram incomodados com o nosso trabalho.

Deste modo, as especificidades da relação saúde-doença no trabalho não puderam ser mais estudadas e aprofundadas, como gostaríamos.

Trabalhou-se portanto, mais com os resultados obtidos do que com as hipóteses do projeto de pesquisa. Deste modo, optamos pela reformulação do título, buscando uma representação mais adequada aos nossos resultados: "Pesquisa exploratória sobre o cotidiano e problemas psicossomáticos de funcionários públicos, a partir de uma vivência de estágio".

Vale ainda ressaltar que uma aprendizagem fundamental foi a experiência adquirida pela pesquisadora, com relação a habilidade de se fazer entrevistas, além do reconhecimento das limitações e dificuldades em trabalhar com esta forma de coleta de dados, na experiência de pesquisa-participante.

A razão da pesquisa:

Como estudante do curso de graduação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo/Fundação Getúlio Vargas, tenho como foco de estudo principal a área privada.

No entanto, alguns fatores me moveram a um interesse em fazer pesquisa na área pública, diferentemente do que geralmente acontece: alunos do curso de administração pública, fazendo pesquisa ou estagiando na área privada.

Isso acontece muito devido ao estereótipo do funcionário público dominante no "préconceito" da maior parte da população brasileira: o de ser uma pessoa malhumorada, preguiçosa e acomodada.

Com o surgimento da oportunidade de estagiar num órgão público, mais especificamente da esfera municipal e a partir da observação do dia-a-dia dos funcionários, o comportamento deles foi o que mais me chamou a atenção.

Comecei a questionar o porque daqueles comportamentos, se eles diferiam do dos funcionários da área privada e observei que muitos servidores tiravam licenças médicas e se queixavam de doenças.

Foi a partir daí, que desenvolvi meu projeto de pesquisa: doenças psicossomáticas no funcionalismo público.

Introdução:

Pessoas, desde estudiosos à políticos, vem se preocupando com a temática do funcionário público. Citaremos então a seguir, sínteses de trabalhos que serviram como base para o desenvolvimento da pesquisa.

Bárbara Heliodora França, no texto "Funcionário Público: Trabalhador como os outros?" da revista do Serviço Público, v. 118, n. 2, jul-ago de 1994, p.199-212 defende a tese que nas atuais condições de trabalho e vida, a grande maioria dos servidores públicos civis faz parte, junto com outras categorias sociais, do novo proletariado brasileiro. Trabalhador, servidor ou funcionário, ele não tem construída para ele, nem diante da sociedade, a identidade distintiva daquele que exercendo as atividades burocráticas do Estado, representa os interesses do quê coletivo. Só a construção de um projeto nacional que incorpore a idéia de profissionalização deste trabalhador poderá criar as condições de recuperação da sua dignidade.(p. 199)

A autora descreve ainda alguns aspectos interessantes relacionados com a problemática do funcionalismo público e suas doenças psicossomáticas que serão descritas a seguir:

Condições de vida e trabalho, conseguidas através de uma pesquisa realizada nos anos 88/89 no Brasil ¹ relatadas em tópicos, a seguir:

1. Dados pessoais:

a) Identificação: funcionários, servidores, ou trabalhadores públicos

Na Assembléia Constituinte de 1988, a palavra "funcionário" foi considerada como expressão de uma casta, privada dos direitos já garantidos aos outros traba-

Ihadores. Por sua vez, a proposta vencedora foi a "centrista" que conseguiu aprovar na nova Constituição o nome "servidor público", civil ou militar.

Alguns consideram uma conquista, o fato de estarem reunidos civis e militares, uma vez que estes últimos teriam que partilhar, com o conjunto as vantagens e prerrogativas obtidas. Para outros, ao contrário, a Constituição criou um fosso legal entre trabalhadores públicos e privados que já haviam construído pela luta comum, uma certa unidade ainda que frágil.

Estes fatos demonstram, outra vez os dilemas de uma categoria sem identificação precisa diante de si mesma e do conjunto da sociedade.

b) Sexo, idade, estado civil

Pouco mais da metade desses trabalhadores são homens. No conjunto, pessoas de idade entre 30 e 50 anos, que se dividem entre casados, solteiros, viúvos e desquitados e que habitam bairros menos favorecidos, ainda que em casa própria, sonho principal daquele que não a possui. Majoritariamente se dizem católicos, mas não frequentam cultos. Seu lazer é ficar em casa com a família assistindo televisão. Poucos se interessam pela política: não lêem esta parte nos jornais, não procuram tais informações, nem participam de movimentos associativos. Tomados estes dados, pode-se supor que tem existido pouco interesse da parte dos mais jovens - entre 18 e 25 anos - de fazerem parte do corpo de servidores civis no Brasil. Por outro lado, o cotidiano destes funcionários é aquele descrito como pertencendo, atualmente, às chamadas classes populares urbanas.

c) Origem de classe

Tanto as profissões de seus pais como seus empregos anteriores mostram pouca presença de uma origem burguesa ou operária e a grande maioria destes servidores, e/ou suas famílias, foram vendedores, "boys", recepcionistas, auxiliares de escritório, professores primários e outros pequenos trabalhodores assalariados em serviços ou comércio.

d) Condições de vida

Os padrões de rendimento dos funcionários de nível médio são muito próximos aos mais baixos existentes no país.

Sessenta por cento deles não ganham mais do que cinco salários mínimos (500 dólares). Por sua vez, mesmo o conjunto da renda familiar com o complemento do salário do (a) companheiro (a) ou de outros membros da família, só lhes permite uma vida modesta, sem grandes gastos ou aspirações, ou seja, como nas expressões de muitos "ganhando pra comer".

Soluções como os "bicos" surgem então, como forma de assegurar a sobrevivência até o fim do mês - um outro emprego - quando o Chefe dá um "jeitinho" ou o horário que "o trabalho permite". A "muamba", que é toda sorte de quinquilharias vendidas - embora proibidas -, durante o horário de serviço, para outros colegas. São desde docinhos caseiros à lingerie. E, ainda, a armadilha do recurso ao agiota. A maioria pensa ter "muita sorte" quando pode acumular empregos ou fazer um "bico". Ou seja, de diferentes formas, o funcionário cria alternativas criativas de sobrevivência.

2. Dados funcionais

a) Cargo e função

Cerca de 80% dos servidores públicos brasileiros pertencem a categoria funcional "Nível Médio" (N.M.), que é na verdade o nível mais baixo, já que neste caso o diploma universitário não é exigido para o exercício de função.

São eles que, nos mais diferentes cargos, realizam os serviços de escritório e atendimento ao público: o chamado trabalho burocrático.

Apenas 10% do funcionalismo no Brasil exercem funções de nível universitário - e é esta parte que acaba muitas vezes representando o todo.

b) Rotinas

Em geral, o funcionário N.M. realiza tarefas repetitivas e cansativas sejam elas, destinadas à população externa ou ao próprio órgão e seus servidores. Ainda que os que trabalhem com o público tenham uma rotina mais animada - uma vez que é sempre alterada pelos imprevistos apresentados pelas diversas demandas - pouco espaço existe para a criatividade ou a improvisação.

Mesmo no país do "jeitinho" existe um fluxo a seguir, normas e procedimentos a respeitar e a preocupação das chefias é a de "não deixar o serviço acumular".

Por isso, cotidianamente, é preciso distribuir a documentação recebida pelo malote; dar procedimento aos processos entregues no protocolo segundo os setores de destino; controlar as entradas e saídas dos memorandos, cartas, telex ou fax; arquivar, datilografar, movimentar e ter o controle do patrimônio; orientar o público sobre o "andamento" dos seus processos; sobre como fazer um requerimento ou uma declaração; fiscalizar os serviços de limpeza da empresa contratada; providenciar a execução dos serviços de manutenção do prédio, de transporte, da compra de material; controlar as frequencias, faltas, ou licenças dos funcionários do órgão; secretariar e dar apoio aos gabinetes de direção.

Portanto, não é difícil compreender que a maioria demonstre insatisfação com o trabalho que realiza. A maioria sonha em exercer atividades em onde possam usar os conhecimentos aprendidos na universidade.

No entanto, majoritariamente tais funcionários não se sentem aptos a concorrer no mercado de trabalho, uma vez que, em sua visão idealizada do setor privado, pensam existir somente nos trabalhos que realizam, a rotina, a submissão e a pouca criatividade. Por isto poucos entre eles buscam ou buscaram ainda um segundo trabalho, que lhes gratifique pessoal e financeiramente.

Baixo salário, falta de reconhecimento social, ausência de perspectivas de transformações positivas nas sua condições de vida, como também a realização de um trabalho subordinado, cuja possibilidade de tomar decisões e ser responsável por elas lhes é interditado.

Este conjunto de características, entre outras, descreve um quadro em tudo próximo daquele vivido pela grande maioria que compõe, hoje a classe trabalhadora brasileira e que faz com que o servidor público, este trabalhador que se queria diferente, não seja mais que um trabalhador como qualquer outro.

Hugo dos Santos é outro estudioso que faz uma análise sobre a sua experiência de seis anos como funcionário atuante no Sistema de Organização e Métodos da Divisão de Orçamento e Organização do D.A.S.P., e somando a teoria e aos estudos já existentes, chega a conclusões significativas sobre as atividades organizadoras - tal como elas se desenvolvem presentemente no Serviço Público Federal.

Essas idéias estão presentes no texto desenvolvido por ele "As práticas do trabalho organizador no setor público e federal". da revista do Serviço Público. 95 (4: p. 26-40) out.-dez. 1963.

Uma atividade organizadora é criada por um certo grupo. Porém depois de aprovada a missão de implantar o recomendado, de pôr a organização ou a reorganização em funcionamento, de avaliar-lhe os resultados, geralmente é de outro, não identificado com as idéias, com os fundamentos que determinaram o estudo da matéria. Surgem então as falhas e as omissões do processo organizador.

Não é de temer afirmar-se que, de modo geral, os projetos de organização são concluídos, deixando sem tratamento problemas tais como:

- a) preparação psicológica dos que vão ser atingidos pela medida;
- b) avaliação das consequências do impacto que a medida, no caso de uma organização, vai produzir na organização pré-existente;.
- c) preparação dos programas de treinamento para Chefes e funcionários;
- d) preparação de rotinas, estabelecimento de métodos e processos de trabalho;
- e) elaboração de manuais de serviço;
- f) instalação, móveis;
- g) previsão de prazo para implantação.

Problemas todos, como se vê, importantes, os quais sem adequado tratamento, podem determinar o insucesso da medida, isto é do projeto de organização.

Resumindo essas considerações, parece-nos que o trabalho organizador na Administração Federal é marcado pelas seguintes três ordens de fatores:

- a) pouca atenção ou nenhuma por parte o técnico para com os problemas prévios, concomitantes e posteriores a aprovação da medida básica, na fase mesma do estudo da matéria principal;
- b) ausência de método no processamento do estudo com omissões de fases ou etapas necessárias;
- c) ausência do autor do projeto ou membro da equipe para acompanhar a implantação da medida, e consequentemente, de avaliação dos resultados.

O autor então encerra a exposição de seu estudo com algumas conclusões - a maior parte sugestões de resolução dos problemas citados acima:

- 1. A atividade organizadora no Serviço Público Federal ainda não se alçou de um nível rudimentar, ressentindo-se, quase sempre da falta de subordinação aos aspectos formais pertinentes;
- 2. As fases do trabalho organizador geralmente suprimidas, ou omitidas, são as que respeitam à preparação psicológica, à implantação e ao controle dos resultados;
- 3. Sendo a Organização e Métodos uma função especializada, há o trabalho organizador de ser conduzido por órgãos próprios, adequadamente providos de recursos, principalmente de especialistas permanentes;
- 4. Todo problema de organização ou reorganização é uma constelação de problemas que exigem tratamento prévio, uns; concomitante, outros e, posterior, ainda outros à aprovação da medida básica pelo Legislativo ou Executivo. Cada um desses problemas pede um planejamento particular dentro do planejamento geral;
- 5. Os projetos de organização ou reorganização elaborados pelas Repartições Federais cogitam apenas, quase sempre, da estrutura, não dando atenção aos méto-

dos, aos processos, treinamento, entre outros, dados importantes ao sucesso do trabalho;

- 6. A presença do autor do projeto ou membro da equipe em todas as fases do trabalho organizador é uma condição indispensável para um bom êxito do projeto;
- 7. Finalmente em que pesem outros fatores, que convidamos serem altamente perturbadores, mas cujo estudo, aqui, nos conduziria para fora dos limite que traçamos uma constante e correta atitude do técnico de organização no desempenho da sua tarefa há de capitalizar alguns bons resultados em benefício de uma Administração Pública mais eficiente.

João Mellão Neto, jornalista e deputado federal pelo PFL - SP escreveu um artigo para o jornal Diário Comércio e Indústria do dia 5 de outubro de 1995 que também teve importância para essa pesquisa.

O título "Mal-amados funcionários públicos brasileiros" resume o artigo. Um diálogo entre um pesquisador do IBGE e um funcionário público anônimo é citado logo no início e retrata a descrença no serviço público.

O autor diz que apesar do funcionário não ser "português", "papagaio", "político", "homossexual enrustido", "marido traído" ou "donzela de araque" basta ser funcionário público para que ele dispute com os tipos acima o papel de personagem predileto do maledicente anedotário brasileiro. Adjetivos como: privilegiado, parasita, indolente, incompetente e até corrupto são frequentemente associados a ele.

Diz ainda que os fatos não confirmam esses rótulos. Existem cerca de 5 milhões de servidores públicos no Brasil, o que corresponde a menos que 10% do PEA - População Economicamente Ativa (adultos sadios, entre 14 e 65 anos de idade, aptos para o trabalho - 65 milhões de pessoas) do País. Trata-se de um percentual inferior ao de todos os países desenvolvidos, excetuando o Japão - e portanto falar de "inchaço da máquina pública", ao menos em termos quantitativos é uma grosseira inverdade.

Da mesma forma não condiz com a realidade a afirmação de que o funcionalismo público seja uma casta de "marajás". Afinal com exceção de uma restrita elite superfuncionários, a esmagadora maioria percebe salários inferiores aos oferecidos pelo mercado para funções congêneres. Cabe ainda lembrar que dentro do Estado a divisão de renda é mais concentrada do que no seio da sociedade em geral.

Cita ainda a existência dos "apadrinhados", mas lembra que mais da metade entrou na carreira por concurso público.

Pergunta-se então porque o preconceito adquiriu o status de verdade inquestionável?

Conclui então que a única explicação plausível é o fato de que a sua produtividade geral está muito aquém daquilo que a sociedade demanda. Buscando causas para isso, ele consegue identificar três:

- 1. a má distribuição gente demais nas atividades-meio e gente de menos nas atividades-fim.
- 2. a baixa qualificação uma razoável parcela do funcionalismo não recebeu treinamento e especialização adequada para as funções exercidas.
- 3. a total desmotivação causa-matriz das demais.

Ilustra seu artigo com o desenvolvimento de um funcionário típico, o Olegário.

Olegário, há 10 anos, formou-se em engenharia, casou-se em seguida e, imbuído de idealismo, optou pela carreira pública. Inteligente, esforçado e criativo, não lhe foi difícil passar no concurso. O chamado champanhe comemorativo daquele dia foi o último que tomou em sua vida...

A primeira ducha de água fria veio com a leitura dos regimentos e estatutos aplicados ao funcionalismo. Embora prevista no código a "promoção por mérito" não existe na prática. Sobe-se apenas por antiguidade. Pior: empenho, criatividade e espírito inovador são características muito mal vistas na repartição. Provocam inimizade entre colegas - uma vez que eleva a produtividade do setor e a desconfiança de superiores, que temem pelos seus postos. O melhor a fazer é seguir o regulamento, não chamar muita atenção e eximir-se de dar opiniões ou idéias.

Após uns cinco anos, com todos os seus colegas de faculdade percebendo salários muitas vezes maiores que os seus, Olegário vê-se premido a tomar uma decisão. Como goza de estabilidade no emprego, a própria família o proíbe de dei-

xá-lo. Restam então duas alternativas: a da minoria que se vale do cargo para obter ganhos ilícitos ou a da maioria que se vale do próprio talento para arranjar um "bico" na iniciativa privada. Esta paga mais mas também exige mais: com o tempo o "bico" vira a sua ocupação principal e o serviço público é que passa a ser o "bico". Olegário cada vez comparece menos à repartição, despacha alguns papéis e assina a folha de presença para a semana inteira. Conta para isso com a cumplicidade silenciosa de suas chefias, uma vez que elas também vivem o mesmo dilema.

Uma década de serviço é suficiente para apagar toda chama existente no interior de Olegário. Nem o Estado lhe proporciona cursos de especialização, nem ele se interessa por eles, uma vez que isto de nada lhe valerá em sua ascensão funcional. Postos nas atividades-fim do Estado não o atraem porque ali seu absenteísmo chama a atenção. Trata logo é de achar sua função de gabinete, onde sua "falta não faz falta".

O autor lembra ainda que quando o governo prega uma "reforma administrativa" para valer, é importante levar em conta tais fatores. Afinal a compreensão do problema como um todo se faz necessária para sua resolução.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:

1.**FRANÇA**, Bárbara Heliodora, 1993. Pesquisa apoiada em 50 entrevistas com funcionários de Nível Médio, trabalhando em diferentes Ministérios. Realizada nos anos de 1988 e 1989, no Estado do Rio de Janeiro, que conta com o maior número de funcionários do país (21,40%).

Dados de observação iniciais:

Os pontos a serem observados serão:

- a não valorização do trabalho do servidor promoção só por tempo de serviço e não por qualidade de trabalho. Não existe política de crescimento e falta política de RH.
- 2. a questão do poder real entender certas políticas salariais atuais.
- 3. distribuição de cargos de confiança e desvalorização do servidor efetivo muito marcante na gestão atual do município.
- 4. alienação funcionários se restringem a permanecer no local de serviço não encontram motivos para esforço maior.

Os pontos citados acima explicam a criação de um comportamento específico dos funcionários, uma vez que não há valorização pela qualidade de trabalho, surgindo então os "puxa-sacos" - que podemos definir como uma deformação de caráter, indivíduos que procuram apegar-se de qualquer forma a cúpula.

Uma vez que não existe uma estrutura organizada, o serviço caracteriza-se quase como um "laissez-faire", há a possibilidade do surgimento destas personalidades (puxa-sacos), que aproveitando-se da fragilidade da estrutura encontram lacunas para alçar-se perto do poder.

As gestões tem suas visões dos fatos ou melhor, seus jogos de interesses. Então elas se formam apoiando-se nos seus pares, sejam por interesse, ou por sobrevivência e por isso se formam os tais grupos de cargos de confiança.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, buscaremos, se possível, analisar também a chamada "classe social dominante" de onde surgem os quadros funcionais - o que explicaria comportamentos como o do conformismo - o medo de reagir a certas situações.

Somam-se a esses fatores, a mudança contínua do alto-escalão, ou seja uma alta rotatividade, que faz com que os funcionários tenham que "dançar conforme a música". Cada novo Chefe tem frequentemente **opiniões diferentes** daquele que saiu, o que leva a uma mudança na estrutura toda. Muitas vezes o objetivo maior fica sendo o de tirar maior proveito de políticas novas. Ou seja, os projetos que começam, nunca são levados a sério, e não são raros os que são "largados" pela metade.

Um exemplo são expressões comuns como: Não vou prosseguir na ponte que meu rival político começou, mas deixo-a abandonada e inicio uma nova com toda a pompa e fanfarra e que via de regra periga também não ser terminada.

A CRIAÇÃO DA DOENÇA

- Não existe um poder permanente.
- O poder político é temporário.
- O poder é uma entidade abstrata na verdade o poder seria algo do "cidadão" mas o cidadão é um agrupamento grande de pessoas não identificando-se alguém a recorrer sendo que o próprio servidor compõe este grupo de "cidadão".

O Prefeito - no caso - seria um representante do grupo.

Numa empresa se tenho uma queixa, por exemplo se quero fazer uma greve, etc... - sei quem é o dono, a quem recorrer, a quem atingir. Aqui o poder é rarefeito.

Exemplo : O Maluf está deixando uma enorme dívida para os próximos Prefeitos - A dívida é da cidade de São Paulo e não dele - E a cidade de São Paulo não é uma pessoa - mas o grupo de seus habitantes.

Na verdade o servidor público não é funcionário de um representante, mas da cidade, ou da população - que é uma entidade abstrata.

Daí o quadro interessante é que se cria uma situação de duas vias: - o quadro da particular "<u>capacidade de adaptação</u>" - que nada mais é do que o reflexo da temporalidade da gestão.

É muito comum quando um funcionário enfrenta um problema ouvir de sua boca "mas daqui a pouco ele cai fora" (se referindo geralmente ao Prefeito ou a um de seus membros do grupo de cargos de confiança). Não se pode esquecer que isso também gera ineficiência.

O que na verdade está em foco, é uma questão de cidadania e direitos.

É uma questão estrutural, e em outros países, aonde a cidadania é forte, aonde há uma real força de cidadania, o serviço público também é forte.

Aqui isto não acontece e o servidor público além de não ter um patrão de fato, não consegue fazer nada por sua cidade, pois não tem o poder de decisão.

O funcionário público está situado bem no meio destas forças todas. E sua doença nada mais é do que a representação da doença brasileira - é um mecanismo de fato social.

Podemos citar, a existência de problemas como:

- distribuição de renda.
- os eternos donos do poder gestão de cada Prefeitura e o grupo que o ajuda falta do poder de fato para o servidor que leva alienação deste.
- esmagamento da classe média que é a classe móvel e crítica por excelência.

A metodologia de pesquisa:

Para o desenvolvimento dessa pesquisa exploratória utilizamos a abordagem qualitativa. O artigo "Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades" de Arilda Schmidt Godoy, da Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, mar-abr de 1995, p. 57-63. foi utilizado como guia, já que é uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais.

A pesquisa se caracteriza como um esforço cuidadoso para a descoberta de novas informações ou relações e para a verificação e ampliação do conhecimento existente. A qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesse amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares, e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, onde é valorizado o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente um bloco de anotações. Para os pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

A pesquisa qualitativa é descritiva e a palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados. Rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, videoteipes, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera-se que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo.

Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto.

O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são a preocupação essencial do investigador que tenta compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa "ilumina", esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos.

Assim buscando seguir essas referências um roteiro de perguntas foi desenvolvido, e a partir das entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, será feita uma análise desses dados, onde buscaremos algumas conclusões significativas para essa pesquisa.

Objetivo da entrevista:

- Estudar e verificar se as pressões do ambiente de trabalho ocasionam problemas de saúde
- Estudar como as pessoas vivenciam o seu trabalho e não se é estressante ou não
- Obtenção de dados para a formulação de um trabalho a nível descritivo

Roteiro de perguntas:

Não existe uma ordem certa a ser seguida e nem uma restrição quanto às perguntas. Algumas delas podem ser adicionadas ou retiradas conforme o desenvolvimento da entrevista.

O tempo de duração de cada entrevista foi estimado em quinze minutos e as transcrições são fiéis aos diálogos.

- 1. O que a levou a fazer esse tipo de trabalho?
- 2. Porque entrou nesse trabalho?
- 3. Como foi a escolha?
- 4. Está satisfeita?
- [] sim
- [] não. :Porque?
- 5. O que mais gosta de fazer?
- 6. O que menos gosta de fazer?
- 7. Das atividades que realizou, qual prefere?
- dentro da SEMPLA
- fora da SEMPLA
- 8. Se não gosta da Prefeitura, porque não sai?
- 9. Como é a estrutura familiar atual?
- 10.Como era a sua família?
- 11.O que acha do trabalho na Prefeitura (como um todo)?
- 12.0 que acha do ambiente de trabalho?
- 13. Como é o seu relacionamento com as outras pessoas?
- 14.0 que faz de lazer?
- 15.0 que gostaria de fazer?
- 16. Acha que algo no trabalho ajudou no processo da doença?

Listagem da análise qualitativa:

Essa listagem de pessoas escolhidas aleatoriamente foi tirada de um Órgão Municipal, onde a pesquisadora tem maior contato com os entrevistados, pois atua como observadora-participante.

NOME	IDADE (anos)	PROBLEMA	FALTAS E/OU L.MÉDICA
N. F. M.	48	 osteoartropatia hipertrófica vestibulopatia de origem periférica labirintite 	500 dias de licença médica
M. C.	61	osteoporose	• 02.08.95 a 31.08.95 de licença médica
N. S.	57	 hipertensão problemas no coração 	 05.09.95 a 04.10.95 e 17.02.95 a 24.02.95 de licença médica 30 faltas abonadas em 95
N. M. A.B.	45	pólipos no estômago	5 faltas abonadas em9513.09.94 a 16.09.94de licença médica
D. S.	46	desmaios e tonturas re- pentinas	 2 faltas abonadas 09.12.94 a 16.12.94 e 30.09.94 a 05.10.94 de licença médica

NOME	IDADE (anos)	PROBLEMA	FALTAS E/OU L.MÉDICA
O. N. F.	57	problema nas "juntas"joelho incha	09.08.95 a 18.08.95 e 13.07.95 a 22.07.95 de licença médica
N. C.	47	problema nos rins	10 faltas abonadas
T. R. R.	48	 problema crônico de prisão de ventre amigdalite suspeita de Chagas 	 3 faltas abonadas em95 02.05.94 a 11.05.94 de licença médica

Recolhimento de dados para análise qualitativa

ENTREVISTA 1:

Nome: N. F.M.

idade: 49 anos

Problemas:

osteoartropatia hipertrófica

vestibulopatia de origem periférica

labirintite

Faltas e/ou Licenças Médicas:

500 dias de licença médica

Cargo: Agente Administrativo e Serviços Gerais

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

1. É... o que levou o senhor a fazer... esse tipo de trabalho se... prestou algum tipo de concurso para entrar na Prefeitura?

Não, não na época não existia concurso era... chamado diarista, diarista significava que você ia prestar serviço na Prefeitura. Até 78 a gente era como... diarista, aí veio o concurso para efetivação. Aí depois veio, pela época eu não lembro quem foi o Prefeito, mas veio, pra gente fazer, então passou a ser efetivo. Quer dizer passou a concursar daí ser um curso próprio para você passar. Foi em 88 que efetiva.

2. E aí o senhor preferiu trabalhar na Prefeitura. Tinha algum atrativo, alguma coisa que... que... era bom trabalhar na Prefeitura, melhor trabalhar na Prefeitura do que em outro lugar?

Há se era, há se era... agora, o salário era melhor. Atualmente... não... dou conselho à ninguém entrar na Prefeitura mais. Só se melhorar a parte de salário que está péssima.

3. Então o senhor entrou nesse trabalho porque tinham... essas coisas boas?

Exatamente... valia a pena trabalhar na Prefeitura, naquela época, valia.

4. E hoje em dia, o senhor está satisfeito com o seu trabalho?

Olha, tô e não tô, porque o que eu queria eu não consegui então, quer dizer tem que ficar contentado com o que estou fazendo.

5. Você queria estar num cargo melhor?

Exatamente... o que eu gostaria de estar fazendo não estou mais, que exatamente era xerox. Me tiraram e estou jogado por aí, quer dizer jogado cê entende, né? Fazendo outro serviço.

6. Fazendo outro serviço e não o que o senhor gosta, né?

Exato.

7. Que o senhor mais gostou mais de fazer então, aqui, foi a parte de xerox?

Xero, xerox da parte de reprografias.

8. E o que menos gosta de fazer atualmente?

Olha, eu nunca escolhi pra fazer eu sempre gostei de trabalhar, não tenho preguiça para trabalha, eu acho que têm coisas que aqui na Prefeitura que se fica nervoso e de, às vezes... o que eu não gostava de fazer mesmo e não gosto é de fazer serviço particular pros outros. Saí fora pra enfrentar fila de banco essa coisas eu não gosto não. Que não faz parte dos meus, dos meus... serviços na Prefeitura até faz, mas eu não gostava de fazer não. Até fazia por amizade, a gente faz, mas tem uns que fala: "O vai fazer isso, vai fazer isso, vai fazer isso". Aquela época não, não, não. Há vinte tantos anos, há vinte anos atrás... você fazia um curso na Prefeitura para entrar e eles, e eles usavam para fazer um teste, pra você compra as coisas, manda você num bar, restaurante pra você comprar as coisas. Esse era um tipo de teste na época. Em 73, eu fui num teste sabe de quê? De servente de pedreiro... servente de pedreiro mandaram eu fazê um teste de servente de pedreiro. Eu trabalhava na época, eu sou impressor, eu trabalhava na época em gráfica. Pra não ficar desempregado, peguei enfrentei uma fila no Bangu, ali na Avenida Prestes Maia. E ali foi a época que o cara me chamou imediatamente, mandou eu fazer o teste lá de servente de pedreiro e eu passei, e comecei a trabalhar. Então chamava diarista, e hoje é servente, né? Serviço Gerais, né?

9. E as atividades que realiza fora da SEMPLA, tem alguma coisa?

Atualmente não.

10. Mas que fez, quais que foram?

Há fiz bastante coisa fora. Trabalhei de cobrador de ônibus, trabalhei de... entregador de jornais e... entreguei... Cê quer saber, tudo? Fui servente de, não, é

serviço de limpeza, serviços gerais também. Era o bico na época ganhava até bem, o cara pagava 4 horas...

11. Oh, e quando... ao mesmo tempo o senhor trabalhava aqui na Prefeitura?

Não, exatamente fiz esses dois trabalhos na Prefeitura, entregador de jornais que eu fazia pela manhã e... a noite eu fazia esse negócio de limpeza no prédio mesmo, então compensava cê fazê porque você ganhava... em dobro. Então a moça, a empresa que chamava BRASANITA, que pagava para a gente, então eu fazia depois eu saí. Depois disso aí, antes de entrar na Prefeitura eu trabalhava de outras coisas. Trabalhei de cobrador de ônibus, trabalhei... um ano... e dezoito meses e três dias, se não me falhe a memória e trabalhei mais coisas, restaurante garçom, cozinheiro. Garçom não é um "bicho de sete cabeças". E você sabe tem um curso que eu fiz no SENAC que ensina a ser educado, barbeado e tem que também você ser um cara famoso, tem que fazer um curso de língua.

12. E desses trabalhos, qual o senhor mais gostou?

Fora da Prefeitura... o serviço que eu mais gostei na realidade é o... esse não... consigo mais fazer porque a idade não deixa foi... impressor.

13. O negócio seu é gráfica, né?

Gráfica, eu entrei aqui na Prefeitura, pensava que ia... arrumar uma colocação na Prefeitura, mas não consegui, eles tem um pessoal deles lá, né! Só isso que eu gostava de fazer, hoje não dá mais não, porque a idade não dá mais.

14. E se o senhor sair da Prefeitura agora, vai fazer que tipo de serviço?

E aí agora não faço a mínima idéia o que pode surgir depois que eu aposentar, não sei, pode ser que eu arrume um serviço, pode ser que não, pode ser que eu vá embora pro interior. É uma coisa que no momento não pensei ainda, não.

15. O senhor não gosta do trabalho na Prefeitura?

Gosto, gosto. Não gosto atualmente, porque o salário, cê tá sabendo, o salário está péssimo, então não compensa cê vim trabalhar tranquilo. Quero dizer você com vinte e três anos de Prefeitura ganhar quatrocentos reais, não é dinheiro. Então eu passo aqui pra você vê quanto é nosso e com os descontos recebo trezentos e trinta e um reais e quarenta e dois centavos. Então quer dizer, vou fazer o que? Vai trabalhar contente, não vamo trabalhar contente, quer dizer, vinte e três anos... qualquer um aí fora tá ganhando duzentos e cinqüenta reais... cum... logo quando entra. O próprio pessoal da limpeza aqui tá ganhando mais do que eu. O pessoal da limpeza!

16. E o senhor não sai porque já está quase pra se aposentar?

Exato, porque quando eu... tem um ditado muito certo que você se acomoda e eu me acomodei. Me acomodei porque na época do Covas, eu ganhava sete salários mínimos. Veio o Jânio Quadro melhorô, depois voltou a ficar melhor, com a Erundina. ficou estabilizado, só que ela só foi ruim na saída. E aí veio o Maluf e cabou de... ele, ele que tá prejudicando o pessoal da Prefeitura. Ele realmente, realmente não tá, não tá bom. E ainda vai ficar pior, pra você não, porque tá fazendo estágio, mas pra mim principalmente.

17. Não, mas eu sofro pelos outros que passam necessidades.

Então pra vocês que estão fazendo faculdade... nossa até me acomodei.

18. E como que é a sua estrutura familiar atual? Tem mulher, tem filhos?

Não, não. Sou eu e a esposa, só. Eu e ela, ela também trabalha na Prefeitura também. Infelizmente não temos filhos, era pra ter, mas ela fez três aborto, três aborto e não engravidou mais. Ela hoje tá com quarenta e um anos.

19. Então ela é novinha?

Novinha nada, ela era novinha quando eu casei com ela. Mas ela tem quarenta e um anos, mas se você olhar, não diz que ela tem a idade que tem.

20. A sua família é do Nordeste?

Salvador.

21. Salvador. Tem pai, tem mãe?

Tenho pai, mãe.

22. E lá, você tinha mais irmãos?

Tenho dez irmãos.

23. Dez irmãos?!

Nove homem e uma mulher.

24. Nossa!. E o senhor veio pra cá, pra São Paulo, quando?

Eu vim... em 68.

25. Algum motivo?

Não é fluência de São Paulo. Claro São Paulo.

26. São Paulo, terra dos sonhos?

Terra dos sonhos, mesmo. São Paulo já era, quer dizer, gosto de São Paulo como se fosse minha terra natal. Adoro, sei que não me acostumo lá fora só que São Paulo quem fez, fez. Quem não fez? Não faz mais. Teve uma família, aí que veio na década de quarenta e se fizeram eles estão bem de vida. Então quer dizer quem chegar hoje não faz mais. É só ilusão. Só o que principalmente faz aqui em São Paulo é pagar aluguel. E o pessoal não deixa de não vim. Hoje tô com vinte e sete anos de São Paulo.

27. Você pensa em voltar pra Bahia?

Penso, mas eu não vou me acostumar mais não.

28. Mas lá é uma delícia?

Há eu sei, eu conheço tudo lá. Mas você se habitua aqui, o clima daqui. Hoje eu sou o cara que praticamente me considero paulistano.

29. Você não tem sotaque?

Tenho, tenho. Até perdi um pouco, mas eu não gostaria de ter perdido o meu sotaque não. Eu acho bonito o sotaque do nordestino.

30. Há eu também acho demais. Eu também morei na Bahia três anos.

Eu gosto do sotaque nordestino, adoro. Eu perdi porque a gente vai se habituando no... Estado, né? No Rio, eu fiquei cinco anos no Rio, não virei carioca porque não gosta de puxar pela a língua não. Agora em São Paulo foi diferente, o paulista fala mais... leve, né? Puxa um pouco do erre, né?

31. E aqui no trabalho da Prefeitura, o que o senhor acha? Das pessoas que trabalham com o senhor?

Não tenho nada ao ponto de falar nada, tem algumas pessoas que a gente faz de conta que não vê, e o resto me dou muito bem com as pessoas. Atualmente não tava sendo amiga de uma pessoa que tava aí, a pouco me enchendo o saco. E o resto são meus amigos.

32. E de lazer, o que o senhor faz de lazer?

Há sim tenho vários lazer. Futebol já joguei muito hoje é "buraco" e "caxeta" e dominó. Todo tipo de jogo que vim a gente joga, o que é bom ninguém aprende, coisa ruim é fácil de aprender. Eu amanheço o dia brincando de "buraco", "caxeta", "branca". Minha mulher não gosta de nada.

33. E joga o quê? Joga dinheiro?

Sim, jogo sem dinheiro não tem graça.

34. E o senhor acha que alguma coisa aqui no trabalho, ajudou no processo da doença que o senhor teve? Porque o senhor estava muito cansado?

Não, não a minha doença veio normalmente. Não vou falar que foi a Prefeitura é lógico. Mas tem uma coisa que hoje até hoje eu tenho um problema no braço que foi causado por um acidente, foi em outubro... dezenove de outubro de oitenta e

nove. Eu caí em frente aqui na Av. São João em frente ao Martinelli eu trabalhava na rua, serviço de expediente, era mais ou menos uma quatro e pouco e estava começando a formar uma chuva. Aí eu entrei correndo no prédio Martinelli e saí e tava chovendo aí eu escorreguei e tronquei... a clavícula. O braço foi lá em baixo. Na hora não foi dor não, na hora foi pouco, depois foi esfriando chegou no hospital, eles aplicaram uma injeção para puxar, aí foi dor, até chorei. Chorei então fiquei com problema. Tenho dificuldade hoje... de andar de ônibus... não consigo dói muito (segurar no apoio).

35. E depois que surgiram todos esses problemas de saúde com o senhor, teve alguma reabilitação que o senhor foi levado a fazer, outro tipo de trabalho?

Foi, foi fiquei readaptado, uma readaptação funcional. Isso aí é mais para a Prefeitura, pra não te aposentar ela pega e te dá essa readaptação que deixa você praticamente sem fazer nada. Você fica a pessoa "jogada" pra lá. Eu acho assim que é que lá no INSS, você nunca é readaptado, eles te aposentam com o tempo. Aqui na Prefeitura não, você vai tirando licença médica, vai tirando licença médica, quando eles percebem que tem muita licença tirada, eles faz uma perícia e aí eles vão fazer uma avaliação de você, aí eles vão para a proposta de fazer readaptação para ele. E quando eles te dão a reabilitação você vai tirar licença eles não querem te dar mais, eles forçam você a trabalhar mesmo que você não faça nada aqui, eles te forçam a trabalhar. E aí você vai tirar licença médica e eles falam : "Mas você é readaptado", sou mas não tenho condição de trabalhar, mas eles não querem te dar. Às vezes mandam você trazer um relatório médico pra tirar licença. A readaptação na Prefeitura pra mim... mais é pra você trabalhar.

36. Mas aí, ficar aqui na Prefeitura, sem fazer nada, pro senhor que gosta de trabalhar deve ser terrível.

É, não é fácil porque você não tem mais aquele prazer em trabalhar como se tinha quando trabalhava. Eu fico aí sem fazer nada, só algumas coisinhas para as pessoas, mas cabou os outros serviços que eu fazia era legal.

37. Essas mudanças de Secretário e Prefeito, tudo afeta no trabalho?

Há sim, sem dúvida, no salário e na administração, porque se você pega uma diretoria ruim de Chefes, aí é ruim. Por enquanto aqui não, aqui por enquanto tá o mesmo pessoal, tá bom para trabalhar. Mas se estivesse outro pessoal aí... porque tem Secretarias aí, tá sofrendo, que deu de diretores diferentes, mas aqui não. Aqui tá até bem, né Lígia? O pessoal é o mesmo daqui, inclusive nós pegamos um Chefe de gabinete que trabalhou aqui muitas vezes o Granjan. O Granjan trabalhou conosco desde de setenta e dois, setenta e três.

38. E aí quando mudar a Prefeito, muda tudo de novo?

Há sim muda, muda porque principalmente na administração da sua Secretaria e muda também na parte monetária, né? Porque não é todo mundo que vai... o Maluf não fala que não ganha bem. Cadê o mil e duzentos reais, quem tá recebendo, ninguém tá recebendo mil e duzentos reais.

39. E a Prefeitura dá algum amparo médico, dá alguma ajuda médica fornece alguma... pro senhor que tem problemas?

Ultimamente não dão nada, nem remédio tem no hospital, eu fui lá não tinha remédio. E a ajuda que você tá falando eu sei qual é... seria o auxílio do doente, é isso? O auxílio do doente só te dão quando você tira um ano de licença médica direto, sem interrupção, aí se você atingir um ano sem interrupção, eles te dão o auxílio do doente. Não consegui porque uma vez a minha licença vencia numa sexta-feira, eu deveria ter pegado antes, eu peguei na outra segunda, aí não podia, então não

podia interromper direto. Eu não sabia disso aí, porque a própria chefia não me, não me, não me alertou. Então eu tinha que pegar na sexta acabou na sexta, tinha que ter pegado na quinta e dado entrada na sexta, então aí dava certinho.

40. E o senhor frequenta o hospital do servidor?

Não atualmente eu tô frequentando o Hospital das Clínicas, porque lá tem tudo, eu fui semana passada, dia cinco, nem remédio tinha que o médico passou para mim. Não tinha mesmo.

41. Aí o senhor vai no das Clínicas e tem?

Tem, tem é outro atendimento é cem porcento, se chega lá o meu médico... médica inclusive é japonesa, japonesa não, né? Ela é nissei e ela é legal.

42. Eu tenho muitos tios que trabalham lá.

Médicos? Médicos?

43. É.

Mas que setor que trabalha lá?

44. Aí eu já não sei.

O quinto andar é o que mais tem japonês, o que mais eles estão fazendo lá é estágio clínico, geralmente o clínico geral, ele fica mais no quinto andar que é a parte de médicos que cuidam de reumatismo, estômago é... que mais é... tem várias coisas então o que tem mais... tá cheio de japonês lá. Japonês não, nissei.

45. Então, de qualquer forma, o senhor tá tendo quem te ajude?

Ah sim, já passei em três médicos lá, nissei muito bom, muito legal... muito atenciosos, muito compreensivo. Você não pode ser agressivo lá com os pacientes, porque os professores estão ligados em você. Se ela é médica formada especializada no clínico geral, então você tem que tratar bem do paciente. Por exemplo, vou falar com o meu médico, entro por exemplo agora nove hora ou dez horas, ele só vai me soltar lá daqui a uma hora, me examina... me dá o diagnóstico direitinho, então lá é bom, não quero lugar melhor.

46. Tá bom e tem fila pra...

Tem, porque tem muita gente, né? Agora tem a parte do... SUDI, né? Negócio do Governo Federal, INSS aquele lá... vale a pena é demorado, mas vale a pena.

47. E eles te dão remédio?

Dão, dão sim.

ENTREVISTA 2:

Nome: N. M. A. B.

idade: 45 anos

Problemas:

- pólipos no estômago
- gastrite

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 5 faltas abonadas em 95
- 13.09.94 a 16.09.94 de licença médica

Cargo: Auxiliar Técnico Administrativo

Unidade de Trabalho: Assessoria de Recursos Humanos

Formação: 3o. grau completo - Bióloga

1. É... o que levou a fazer o trabalho... a trabalhar na Prefeitura?

Bom, eu entrei meio que por acaso, porque na época eu trabalhava em banco, né? Ah... aí minha mãe que soube do concurso que ia ter e... fez minha cabeça, até então, eu tinha uma imagem assim muito... muito negativa dos funcionários públicos. Sabe aquela coisa: ah... ambiente ruim, pessoa velha, sabe aquela coisa, assim... têm uma imagem assim, né? Mas ela não, vai que é bom, estabilidade não sei o que, não sei o que mais, então eu fui mais por influência dela, o concurso, né? Eh... acabei passando e fiquei. Foi meio que por acaso.

2. E aí vai ficando...

Ah... sim porque depois de um certo tempo você acaba não saindo mais, porque tem.... por mais que você não queira... essa história da estabilidade, se você é nova ainda, sei lá se você fica lá um ano, dois anos, três anos você ainda têm um

pouco mais de coragem de largar esta estabilidade e ir atrás de alguma outra coisa, mas eu acho que depois que passa certo tempo você não troca o certo pelo duvidoso, eu acho que é meio difícil, sabe? Pelo menos eu não troco, sabe? Por menos que você não esteja cem por cento satisfeito, o salário não é aquela coisa mas ah... eu prefiro sempre estar pisando no chão, eu sei que pelo menos o emprego garantido, o salário no final do mês eu tenho, né? Não sou assim muito aventureira não, sabe? De largar e me arriscar por uma outra coisa. Eu acabei ficando no mesmo.

3. E você está satisfeita atualmente?

Olha, atualmente eu não estou não. Eu não sei se é porque... ah... são vinte e três anos e tanto na mesma Secretaria e fazendo praticamente a mesma coisa, chega uma hora que você fica meio enjoada, né? Então é assim ah... se você for pensar em outro tipo de atividade, não, eu gosto do que eu faço tudo, mas é assim que eu não tenho mais aquele entusiasmo que eu tinha não. Então eu não tenho mais tá, já passou, sabe? E... antigamente a gente... não só eu como o pessoal aqui da área de RH, nós tínhamos aquele pique de trabalho, né? Aquela coisa de criar, de inventar e fazer, ver o resultado, ficava contente e satisfeito, não. Hoje, hoje realmente eu não sei se é só um período o que que é, mas no momento é só manutenção mesmo, entende? E é assim, depois de muito tempo também você vai descobrindo certas coisas, né? Então você vai perdendo um pouquinho daquele brilho que você tinha no começo, você vai... percebendo, conhecendo um pouquinho melhor como é o funcionamento da máquina, então você perde um pouquinho do encanto, sabe? Pelo menos foi o que aconteceu comigo, né? Não sei se por conta de eu estar no mesmo lugar. Talvez eu mudasse de Secretaria, pegasse uma outra atividade ah... né? Se eu tivesse despertado novamente este entusiasmo, né? Mas como eu estou naquela também, que eu não sei se vou me aposentar ou não, então eu não estou guerendo me mexer. Se... eu não me aposentar, eu tenho esse meio, um pouco de vontade, não sei também se eu vou fazer isso mas, aí ir para a Secretaria do Verde. É a única que me chama a atenção. Secretaria do Verde tem, e de preferência tentar ir lá pro

Manequinho Lopes, lá no Parque Ibirapuera. É a única coisa que me interessa, mais nada, mas aí eu preciso esperar pra ver como é que vai ficar essa lei da aposentadoria, né?

4. Do quê que mais gosta de fazer aqui no SEMPLA?

É... na SEMPLA realmente eu sempre gostei da, dessa nossa atividade de RH porque ela é, ela é sempre muita diversificada também, né? Principalmente em outros tempos, né? Então tinha aquela coisa de você uma hora chegar no treinamento, outra hora você... fazer um boletim, outra hora você... fazer um manual, outra hora você atender outras pessoas, outra hora você fazer entrevistas, outra hora ah... você ah... como é que fala? Fazia mmm teve momentos que a gente fazia muito essa parte de redação oficial ah... mexer com processo, enfim é uma coisa muito diversificada. Então isso eu gosto e sempre gostei. No momento a gente tá meio paradão pra mim, né? Mas essa diversidade, diversificação é... ela sempre me... me chamou atenção, então eu sempre ficava muito cansada de estar fazendo sempre aquela mesma coisinha, não era uma coisa rotineira, né? É... ela acabava não sendo rotineira porque toda hora você tinha, uma hora era alguém que queria elaborações de uma tabela, outra hora, ela mandava você inventar, sei lá, criar um roteiro, outra, fazer um relatório, outra hora, enfim, tentavasse de tudo, então realmente isso era muito rico, né? Quer dizer, teve momento que a área era mais valorizada, que era mais procurada, muito mais procurada, então acabava sendo uma coisa muito rica, muito dinâmica, entendeu? Então isso eu gostava na área, não era um servicinho bitolado, nada disso.

5. E o que menos gosta de fazer?

Olha, o que eu menos gosto de fazer, é realmente... a parte mais burocrática, pessoal, isso eu não gosto. Para mim trabalhar diretamente no setor de pessoal eu

detesto. Principalmente se tiver que ficar trabalhando no terminal, é o que mais quero longe de mim. Eu não gosto.

6. E das atividades que você já realizou, você já teve outros empregos e outras...

Não, só uma vez no banco, mas foi só uma coisa de dois, três meses e era parte de pessoal também.

7. Você entrou aqui, já pra área de pessoal.

Não, eu entrei, não deixa eu recapitular, eu entrei, fui pra sessão administrativa que também era área de pessoal, fiquei um tempinho pequeno... depois eu fui secretariar... na diretoria que era nova na época, depois, aí a gente mudou, né? A SEMPLA na época era COGEPE, ela funcionava na Praça da República mas aí, o Secretário na época quis ter um gabinete dele também igual ao Prefeito, então eu fui com um grupo, era só um grupo, né? Para atendê-lo lá no Parque Ibirapuera, então era também no gabinete, era quase secretariando, vai? A gente ficou um tempo lá, depois eu voltei, aí, nos mudamos pra Nações Unidas lá na Marginal, lá eu fiquei no setor de... de, era assim, sessão administrativa com o setor de pessoal, era tudo junto, né? Fiquei lá, depois quando a gente saiu de lá, nós viemos aqui para Paulista... quando nós viemos pra Paulista, eu fiquei um tempinho ainda aqui e depois eu fui trabalhar como secretária no supremo gabinete. Lá eu fiquei um bom tempão também, depois eu subi pro RH. Então eu sempre fiquei assim, na função de secretária ou na área de RH e pessoal entendeu?

8. Então nas atividades fora da SEMPLA você gostou de trabalhar no banco?

Olha, não dá pra falar muito, porque foi um período muito pequeno. Mas na época eu gostava. Não tinha nada contra.

9. E hoje em dia você gosta de trabalho aqui na SEMPLA?

Gosto, eu tô um pouco enjoada, pelo excesso de tempo na mesmas atividade, né? Mas eu gosto.

10. Em parte porque está quase se aposentando.

Têm um pouco disso e um pouco até de... de repente trocar por uma coisa que eu não sei que o que que é, eu não tenho idéia, ao menos como se fosse alguma coisa que eu te falei, completamente diferente e uma atividade que pelo menos faz a Prefeitura me chamar atenção, proposta, é um contato assim com planta, aquela coisa com a natureza, isso seria a única coisa que me chamaria atenção. Agora, sair daqui pra ir pra outra Secretaria, não, isso pra ficar numa atividade assim administrativa, isso eu não quero, aí eu prefiro ficar aqui porque eu já conheço, já estou familiarizada, perto da minha casa, enfim.

11. E a estrutura familiar, é você e seu marido?

E as duas filhas.

12. E o que você acha do trabalho na Prefeitura como um todo?

Eu diria que dependendo da administração você sente que anda um pouquinho. Dependendo da administração você pensa que ele fica todo enrolado no meio do campo, essa é pelo menos a sensação que a gente como funcionários têm, né? É... é assim, evidente que têm, dependendo da administração que algumas Secretarias se sobressaem um pouco mais, né? Em função da política daquele momento, né? Então... devem algumas táticas naquele momento estarem num ritmo de trabalho maior, mas de um modo geral essa máquina é muito emperrada, muito burocrática, muito morosa, você participa desses muitos projetos que só ficam no papel

sabe? Então você percebe que isso que acaba causando essa imagem negativa, né? Que acaba refletindo no próprio servidor, né? Que a gente aqui mesmo participou de tanto trabalho, tanto projeto, tanto tempo que você gastou, que você entregou não sei o que e sabe que tá no lixo, não foi adiante, entendeu? Fica, fica frustrada e na hora que começa pintar outro você acaba por não acreditar muito na viabilidade dele, porque você já têm uma história aí, entendeu? Então nós agui na RH na época de setenta e cinco teve um monte de trabalho, grupos de trabalhos, reuniões que a gente fazia até raiar, pra mudar não sei o que, muda não sei o que e muda não sei o que, lotes, tudo na gaveta, não saiu nada... entendeu? Ontem mesmo eu estava jogando, revisando algumas pastas, joguei aí um monte de papel de trabalhos que foram feitos e nada, então você às vezes acaba participando sem pique em alguns projetos, porque você sabe que não vai sair daquilo, entendeu? O que é diferente de quando você acredita naquilo que você está fazendo e você... se dedica e sabe que... ele vai sair, não é? Agora você às vezes acaba participando de certas coisas que você sabe que não vai andar, sabe? Então você participa por participar... né? Eu acho que é está dimensão que você pode ter depois de de... anos de vivência, né? Porque aí você começa a entender um pouquinho como é que rola as coisas, né? Então, é por aí.

13. E do ambiente de trabalho na SEMPLA, as pessoas, o trabalho todas se dão bem com você?

Eu diria que atualmente tem muita gente pensando como eu.

14. Também conheço gente que tá mais triste que você.

Você já cruzou com alguém que tá mais... Eu olha pelo tempo que eu tenho de Prefeitura eu nunca presenciei um momento como esse... sabe? Nunca talvez até porque talvez algum... há muitos anos atrás eu tivesse envolvida em algum clima assim, né? Talvez por ser nova e tal, ou se realmente nunca teve, mas nesses vinte

e poucos anos nunca vi, nunca senti um clima como tá. Eu diria que de umas duas administrações pra cá, umas três administrações pra cá, essa coisa foi, sabe? Que você sente que vai degringolando é essa a sensação que eu tenho e no momento realmente... olha você cruza com todo mundo nesse clima. É porque aí junta uma série de coisas, tem a desmotivação profissional tem até esse problema de... salário muito baixo. As pessoas precisam de salário quer queira quer não, influencia. A própria política, né? Municipal acho que até a própria política no país também, acaba interferindo... enfim eu acho que aí uma série de coisas que... que acabam influenciando, né? Então você vê que a maior parte das pessoas realmente trabalham por obrigação e não por prazer. E olha tem bons profissionais aí, viu? Tem muita gente boa, então é uma judiação ver tanta gente boa sendo desperdiçada.

15. E como é seu relacionamento com as outras pessoas? Tem bastante amigos? Ou como é trabalho, você separa as coisas?

Olha, atualmente é mais assim... mais distante, porque eu tenho eu diria que... quase a maioria aqui eu conheço há muito tempo, há muito tempo, né? Mas não é uma amizade íntima, né? Aquela amizade de colega mesmo, né? Você cruza, você conversa, você bate papo, mas nada que você transfira daqui para fora, né? Agora... eu já tive momentos de maior contato com o pessoal, agora eu que estou mais no processo de isolamento, vai? Não proposital, mas natural está acontecendo, de repente a nossa área não é tão solicitada como era antigamente, porque tinha períodos aí, que novos servidores vinham, procuravam, a gente se dava, então toda a dinâmica de trabalho faz que você mantenha um contato com as pessoas sempre, né? Atualmente não, a nossa área não é solicitada praticamente pra nada. Você vê que é difícil alguém vir aqui, pra te pedir alguma orientação alguma coisa, uma informação enfim... seja porque o Robson muitas vezes atende diretamente, é uma coisa que ele gosta e ele faz muito bem, então as pessoas já vão direto nele não procuram mais o RH, procuram ele. Enfim por uma série de coisas e até fisicamente a gente ficou enrolada, antigamente a gente tinha um estado físico que... forçosa-

mente permitia manter maior contato com as pessoas, agora não, a gente fica isolada, se bem que nesse canto pra mim tá muito bem, entendeu? Então você acaba tendo um contato com as pessoas realmente mais ah... profissional mesmo. Na hora que você precisa do trabalho você vai, procura e quando não precisa cê fica aqui. E eu não tenho natureza de ficar zanzando, entendeu? Isso também vai de cada um. Quem quiser bater papo comigo eu adoro, mas eu não, essa coisa de sair nas mesas e bater papo. Mas tem gente que gosta de fazer isso eu acho até legal vai uma vez, tá na mesa de um, outra tá mesa de outro, mantém contato, eu acho legal, mas eu não sou assim, entendeu? Então eu acabo ficando realmente isolada.

16. E o que você faz de lazer? Cuida das plantas?

Atualmente até com as plantas eu me canso... de lazer, olha de lazer a coisa tá meio parada. Periodicamente a gente vai para praia e lá realmente o que eu gosto de fazer é cuidar das plantas. Evidente, você sai, vai ao cinema, você vai aqui, você vai ali e de tudo isso o que me dá mais prazer realmente é ficar mexendo na terra, mexendo com plantas e tira dali põe aqui e compra dali e põe aqui, sabe é esse tipo de coisa que me dá mais prazer. E também ler, eu adoro ler. Ah... essa é uma coisa que também curto muito, sempre lendo. Adoro revista, adoro livros, jornal também porque é necessário. Curto muito revista, se pudesse comprava todas mensalmente.

17. E o que você gostaria de fazer dentro da SEMPLA? Ou você não tem mais vontade de fazer mais nada pra ajudar a SEMPLA.

Eu já não tenho Carol, atualmente eu não tenho. Poderia até ter, não sei se a gente tivesse... engraçado eu sou meio movida a motivação, né? Motivação não, também é assim reconhecimento, incentivo, sabe? Se pinta a minha volta aquele clima de pique, de estarem te valorizando, curtindo o seu trabalho. Você sabendo que o seu trabalho tá dando resultado, tal, não sei o que, eu vou. Se eu não sinto esse clima a minha volta eu perco todo o meu pique e atualmente eu não sinto nem

um pouco disso, entendeu? Por exemplo o Robson é muito bom, muito bacana e tal... também ele nem bola muita coisa. O Chefe de gabinete então nem lembra que você existe, quer dizer nem sabe que você existe, nem sabe que existe a sua área. entendeu? Eh... é que nem eu te falei na época da gente fazer um jornalzinho que eu fazia boletim e a gente achava ótimo excelente e a gente passava informações. Eu sentia também essa coisa de pô que legal, né? Se você pedia ajuda ninguém mandava, a gente de vez em quando queria que o pessoal fizesse perguntas escritas pra gente responder, consulta sobre benefício, enfim, o pessoal também não se manifestava, então pra mim isto me desmotiva altamente. Então eu acho que no momento, qualquer coisa que a gente inventar não vai ter retorno. Então pra mim isso é um alavanca pra tudo que eu vou fazer. Eu acho que também precisa também sentir um pouco desse retorno, senão você fica fazendo, fazendo, fazendo... pra nada. Quando você vai fazer um trabalho você não faz para satisfação própria, você quer sentir que o que cê tá fazendo, tá tendo algum valor, então acho que no momento que tem valor é sim o Chefe pediu, você faz, você sabe por exemplo que o arquivo de legislação tem que estar alimentado, nós estamos alimentando ah.... poderia estar fazendo mais coisas? Poderia tem muita coisa que poderia estar fazendo até... todo tipo de trabalho nosso aqui a gente poderia estar incrementando fazendo outras coisas, mas no momento eu não vejo porque tá fazendo, percebe. Não acho legal até tá te falando isso porque você tá no começo, mas eu tô sendo assim muito sincera, entendeu? Até também porque cê trabalha aqui comigo, de repente, percebe que eu poderia estar fazendo isso, porque não faz? Eu sempre acredito, porque a gente tá assim, a gente como servidor, você fica assistindo as mudanças de administração como se fosse um filme que está passando naquela hora. Tem certos momentos que você passa a ser requisitado de uma outra forma, então nesses momentos pode reacender um pouco dessa chama, depois você volta novamente a se dedicar mais. No momento, a coisa tá meia morna, então eu tô indo conforme... a música. Sim, porque você sabe que não adianta não... vai ser diferente.

18. E a doença que você tinha, eram os tais dos pólipos no estômago, não é isso? Alguma coisa no trabalho influenciou na doença?

Olha na verdade nem os médicos sabem como é que aparece isso. Eles existem, né? Eu continuo tendo eles, periodicamente eu tenho que fazer exames para ter um controle, tal, né? Mas eu acabei de descobrir, quer dizer não sei, se tenho eles desde de quando eu nasci, ou apareceram agora. Não dá pra saber, entendeu? Então eu não sei te dizer também a causa deles, né! Mas eu acabei descobrindo porque peguei uma gastrite brava, né? Agora a gastrite sempre vem quando a gente tá nervosa e essa tensão pode até aqui o clima do trabalho ter contribuído. não vou falar a causa porque é devido a uma somatória de coisas. Afinal a qualidade de vida aqui em São Paulo não é das melhores, né? Então você acaba tendo influências externas, né? É a pressão, é a poluição, é o trânsito, é a falta de dinheiro, é uma série de coisas aí. Mas sem dúvida nenhuma que o clima no trabalho contribui bastante, porque afinal você passa 8 horas aqui, tirando as horas de sono, quantas horas você fica acordada e destas, quanto você fica aqui, a major parte da sua vida você fica aqui. Se você fica aqui e não está satisfeita é claro que contribui. Eu diria que há uns dois anos atrás talvez um pouco menos, há mais ou menos um ano e meio atrás, por um período mais ou menos de três anos eu passei muito nervoso aqui, sabe? Eu tive momentos aqui, que me aborreceram tremendamente, eu fiquei muito, muito magoada com algumas pessoas, então isso contribuí também, né? Mas eu não sei até que ponto, que relação que isso aí tem.

19. E que convênio de saúde, você tem?

Tenho, tenho um convênio... mas nesse momento também apelei pra médico particular, porque queria ouvir opinião de dois, de quatro, mas eu faço acompanhamento uma vez por ano, uma vez a cada oito meses, daí eu vou mais pelo convênio, que eu já sei o que que é... é mais para acompanhamento. Mas quando eu descobri que tinha pólipos, aí sim, tive que procurar um particular, porque aí fica naquela tira

não tira, vale a pena mexer ou não vale a pena mexer. Nem dá pra tirar e não incomoda nada, nada, porque na verdade eles são verrugas em todo o estômago e eu tenho uma região que está todinha tomada e o que o médico falava que era comum aparecer é... mais ou menos comum aparecer, mas é assim um, outro isolado, eles são assim, oh, eles vão fazendo verruguinhas na parede do estômago. Então quando aparece um ou outro através da endoscopia eles cortam aqui e... cauterizam e tudo bem. Acontece que com o meu tem uma região tomada e o meu é baixinho e não dá pra mexer, entendeu? É perigoso, pode até perfurar o estômago, é uma coisa muito perigosa nesse sentido, vou ter que fazer controle periódico, porque isso daqui pode se transformar num câncer... entendeu? Então por isso que a cada oito meses mais ou menos, tá fazendo endoscopia para ver se tem algum alterado, porque se tiver algum alterado, aí tem que mexer, aí tem que cortar, agora do jeito que tá se mexer pode me furar o estômago e pra tirar isso teria que tirar parte do meu estômago, entendeu? Porque é uma região que está cheia.

20. Mas e a gastrite?

A gastrite sarou... nunca tinha ouvido falar disso. O meu medo é que eu tenha disso também e é possível talvez até, que tenha no intestino no... porque existe alguma continuidade então os médicos queriam que eu fizesse um exame no intestino pra ver, mas eu não tenho coragem de fazer não, também endoscopia no retal. Além de ser assim, desagradável, é muito dolorido, por isso que eu não quero fazer. Cê sabe que eu já fiz três vezes, nas duas primeiras... na primeira vez eu tava meio apavorada também, né? Mas, nas duas primeira vezes foi assim tranquilas eu não senti absolutamente nada. A primeira eu fiz... foi aonde? A primeira eu fiz no Evaldo Foz, eles primeiro te dão uma anestesia... na boca, aí cê já fica com a coisa mais adormecida, você já começa ficar meio "grog", aí eles te deitam na maca e te aplicam a injeção, então você realmente, você vê que estão fazendo o exame, mas não sente absolutamente nada, nada, nada, nada. A única coisa chata é... desagradável e que por exemplo na hora que eles colocam o aparelho na boca você quer engolir

saliva, mas você não tem o controle dos movimentos de quando você toma anestesia na boca. É uma coisa meio incômoda, mas dor assim, você não sente nada. Depois do exame, uns quinze, vinte minutos e você já pode ir embora só que tem que ir acompanhada, porque cê ainda tá meia "grog", né? A segunda vez que eu fiz, que eu fiz no Osvaldo Foz, foi melhor ainda o atendimento deles foi mais perfeito ainda. porque eles te deixam primeiro numa maca, te fazem anestesia, te deixam um tempo repousando, depois te aplicam outra anestesia, você fica mais tranquila, daí você vai pro exame, enfim você tem um conforto muito maior e sente absolutamente nada. Mas aí em compensação a última que eu fiz ah... eles não podiam mais atender pelo Osvaldo Foz, que é que eu tinha achado melhor. Pelo Osvaldo Foz, na época eu tava sem carro, tava difícil para eu ir até lá, porque é lá no... lá no Ibirapuera, no Ibirapuera não, na continuação da Av. Ibirapuera, lá na... na Praça, lá na Zona Sul perto du, du metrô Santo Amaro e... na época eu tava sem carro e na época tava meio complicado e tinha aqui na Angélica. Aí eu acho que vou na Angélica, depois eu venho aqui trabalhar é pertinho. Ah.... eu peguei um açougueiro, menina... que eu não te falo nada, a hora que eu fui fazer, já tinha um rapaz que estava reclamando... e depois, eu concordei realmente, o aparelho dele, deve ser um aparelho muito antigo... ou ele também não me anestesiou direito... sei lá. Só sei que o rapaz reclamou da mesma coisa, menina... mas ele me machucou inteira, eu senti que ele me machucou o estômago, eu fiquei dias com isso aqui todo machucado, ardendo, eu sentia dor aqui na boca do estômago. Sabe, quando você sente que seu estômago tá sendo cutucado, aquela coisa mexida. Menina... eu figuei dias assim, o homem era um carniceiro, um carniceiro. Até figuei preocupada se ele não me machucou o estômago, com essas coisas tão delicadas lá dentro, né? Mas de resto não quando você faz um exame local, minha mãe já fez e também foi tranquilo. Agora o intestino já é uma coisa desagradável, cê tem que ter se não me engano não sei se nesse caso tem que fazer contrato, o que ele me pediu era um exame de endoscopia retal, mas eu decidi não fazer porque era muito humilhante.

ENTREVISTA 3:

Nome: N. S.

idade: 57 anos

Problemas:

- hipertensão
- problemas no coração

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 05.09.95 a 04.10.95 e 17.02.95 a 24.02.95 de licença médica
- 30 faltas abonadas em 95

Cargo: Copeira

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

1. O que levou a fazer o trabalho na Prefeitura?

Olha, o que me levou a fazer o trabalho na Prefeitura era o seguinte: eu sempre trabalhei em firma registrada, como por exemplo: BRANIER, eu trabalhei pro Dono da Lário irmão dele, eu trabalhei em firmas assim... de copeira com esse tipo de gente, né? Aí quando houve um concurso da Prefeitura, que eu sabia que eu podia entrar, na Prefeitura e ser efetiva aí eu... entrei pra fazer o concurso e passei e vim trabalhar.

2. Então... e era bem remunerado na época?

No começo quando eu entrei na Prefeitura, a gente era bem re... remunerado, né? Eu não sei falar direito era, agora ultimamente que a coisa tá feia, né? O salário tá ruim e é... isso aí.

3. E você tá satisfeita com o trabalho atualmente?

Olha, atualmente a coisa que eu mais gosto de fazer foi o que eu fiz concurso pra prestar, servir na Prefeitura, ser copeira. Mas de um tempo pra cá, eu não tive sorte com colega de copa, as duas colegas de copa que eu peguei são do tipo... desmantelada, elas não são do tipo que deixa uma copa limpa, uma copa em ordem, uma copa como eu gostaria que fosse e eu não tive sorte com nenhuma das duas. Então isso influenciou bastante e... isso foi aonde me... e eu ficava nervosa com aquilo de vê, eu chegava na copa e via aqueles canecão sujo, aquela... o fogão sujo, o chão sujo, copa suja... aquilo foi me deixando num estado de nervos e eu não tinha com quem reclamar, porque se você for falar com o Chefe, o Chefe sempre fala: "É... deixa pra lá, não esquenta a cabeça à toa, a Prefeitura não é sua. Deixa isso pra lá, não esquenta a cabeça, passa por cima e eu como tive uma criação super diferente... de gosta das coisas super certinhas, eu gostaria que fosse assim, mas você sabe. Nem tudo que a gente quer é aquilo que a gente quer.

4. Então o que mais gostava de fazer era o trabalho na copa?

É eu adoro meu serviço de copa, eu adoro fazer café, adoro fazer leite, adoro fazer chá, adoro fazer meu serviço... meu tipo de serviço. Eu não trocaria meu tipo de serviço de copa fazendo café, por nenhum outro... por nenhum outro, porque eu gosto desse tipo de coisa, eu gosto de limpar, eu gosto de ariar, eu gosto de tá, sabe?... Eu gosto de tá em movimento. E eu parada, como eu estou agora, eu me sinto mal do mesmo jeito, eu não estou me sentindo bem fica só sentadinha, ali, esperando aparecer serviço.

5. Então você não tá gostando do serviço atual?

Não... do atual não, porque eu gosto de movimento, eu gosto de... por exemplo... eu gosto de, de, de limpa, de arrumá, de fazer esse tipo de coisa. Eu não gosto de ficar esperando ali, se aparece é aquilo que eu tenho que fazer. É isso? Tudo bem, tudo bem, eu venho trabalhar, tem que fazer? Eu vou lá e faço direitinho, tudo. Procuro fazer o melhor para agradar as pessoas, né? Mas o que eu gosto mesmo de fazer é... chapa, eu fico por exemplo, se eu pudesse, eu tava lá, fazendo o meu café, eu cheguei de manhã eu coloquei a água com a Sílvia... eu estaria lá dentro da copa limpando, arrumando, fazendo café. Mas eu vejo quando eu chego de tarde, a copa tá naquela sujeira, naquela bagunça... como eu já chamei ele, já mostrei, mas quando tem uma resposta contrária me chateia, né? Eu tenho uma ordem, eu posso fazer isso, não é pra fazer isso? Existe mesmo certas coisas que você fica triste. Você não tem uma pessoa, um Chefe que fala: "Não isso, não é pra fazer assim, isso não é assim". Você vai falar com a pessoa que é pra fazer, você acaba discutindo com os colegas e fica ruim pra mim, né?

6. A senhora sempre trabalhou de copeira?

Sempre toda a vida, eu fui trabalhei de copeira, eu já fui ascensorista, eu já fui balconista, eu já fui telefonista, mas o que eu mais gostei e me adaptei foi copa.

7. E... se a senhora não gosta do trabalho atualmente. Porque não sai daqui?

Cê sabe porque eu não saio, porque eu estou numa certa idade, cinquenta e oito anos, mais dois anos eu completo sessenta, né? Aí eu queria me aposentar, então eu estando na Prefeitura, talvez eles consigam uma aposentadoria pra mim, porque eu estou com um problema na cabeça, tô com problema de nervoso, né? E outra eu quero me aposentar, porque daí eu saio da Prefeitura sossegado, mesmo que não seja aquele salário, sabe? Porque eu posso ter dinheiro todo mês, eu sei já que ele vêm.

8. E como é estrutura familiar da senhora? A senhora é casada?

Eu sou casada tenho dois filhos bem casados, tenho um pai e uma mãe, graças a Deus. Não com saúde, porque já tá numa idade avancada, né? Mas tenho um pai e uma mãe que eu amo, um marido que me entende, um marido que gosta de mim. Mas com esse nervoso meu, eu tô destruindo tudo, minha estrutura de dentro da minha casa com ele. Daí eu fico nervosa, aí eu xingo ele, eu maltrato ele e ele não tem nada a ver com isso. Tô estourada ainda, ele vêm perguntar coisas e eu respondo com estupidez, eu não posso ser assim, eu tenho que me controlar. Eu nunca fui assim, entendo as pessoas, entendo todo mundo, sempre gostei das coisas certas, sempre dei risada, brinquei, tenho boas amizades, e eu não sei o que tá acontecendo comigo, eu não sei mesmo, tem hora que tô dentro de casa, eu sento e comeco a chorar, eu começo a chorar e isso não pode acontecer, porque não tem motivo. Se eu tivesse um filho preso, um filho doente, uma mãe inválida, um pai inválido, tivesse minha família passando necessidade, meus filhos passando necessidade, aí sim, mas eu não tenho nada disso, eu não tenho esse tipo de problema. Eu falo mesmo de coração, eu não tenho esse tipo de problema... na minha família, o problema tá em mim, mas o que é? Eu não sei.

9. E o que a senhora acha no trabalho na Prefeitura como um todo?

Olha, o trabalho na Prefeitura como um todo... é bom... não é ruim é... bom. Dependendo do setor que você está, né? Eu gosto da Prefeitura eu acho... um lugar bom para trabalhar, porque você não precisa estar naquela correria, não precisa tá com aquele desespero, mas sei lá eu.... é um lugar bom pra trabalhar, a gente só vive triste por causa desse salário que a gente não consegue ter um aumento, né? O salário tá baixo demais.

10. E como é o seu relacionamento com as pessoas?

Atualmente tô bem, eu, Graças a Deus... eu não quero, não posso falar nada, né? Porque eu já arrumei muita confusão aqui dentro. Por causa desse nervoso

meu, eu já tive duas... suspensão, e eu já briguei muito por causa de colocar as coisas direito e as pessoas também devem ser nervosas tanto quanto eu, e a única vez lá dá atrito como esses dias aí, eu já tive duas brigas feias com a Emília, eu fui pedir desculpas pra ela, eu ouvi um baita de um não, do tipo tirando uma com a minha cara, sabe? Então quer dizer, você faz as coisas faz de nervoso, mas depois quando cê cai em si, a gente se arrepende, como eu me arrependi e você vai pedir desculpa e a pessoa nunca entende aquilo que você... sabe? Então isso choca também, né? E eu não gostaria de ser como eu sou mesmo, eu gostaria de voltar a ser como eu era antes alegre, brincalhona que tinha amizade com todo mundo, não ter raiva de ninguém. Gosto de todo mundo, na hora só que eu sou estourada depois... eu me acalmo, eu caio em mim e me arrependo daquilo que eu fiz. Mas por mim, eu trataria todo mundo num mar de rosas, eu taria bem, mas tem certas pessoas que eu não gosto, você não sabe o gênio das pessoas como é, né?

11. E o que a senhora faz de lazer?

Ultimamente nada, antes eu fazia muita coisa, ultimamente nada, antes eu gostava de viajar ir pra Santos, dançar, saí, ir pros bailes a noite, distraí bastante, né? Ouvi música, adoro ouvir música, rádio essas coisas, mas ultimamente nem rádio eu tô aguentando mais na minha cabeça, nem muita conversa, nem rádio, até com os meus vizinhos eu sou desse jeito. Eu amo criança demais, minha casa principalmente era cheia de colegas, de crianças, se afastaram tudo de mim por causa de eu tá assim. Ao mesmo tempo que eu tô tratando bem uma pessoa, eu tô maltratando, parece que eu tô perdendo a pessoa sabe? Mesmo tempo que eu quero agradar, eu tiro a pessoa de perto de mim.

12. A senhora acha que tem alguma coisa no trabalho que afetou no processo da doença?

Tem, tem, porque antes de eu discutir com a Emília, eu não era desse jeito, eu era muito alegre, muito bacana, eu me dava com todo mundo, eu brincava com todo mundo. Depois que a gente teve essa discussão feia, que eu tive esse derrame, nós discutimos feio no começo de setembro, no dia vinte e cinco de setembro, eu tive derrame aí, eu fiquei com aquilo dentro de mim, sabe? Eu vinha trabalhar, eu vinha com o coração amarrado, fechado, porque aquilo não podia ter acontecido, então isso me afetou bastante... bastante mesmo, desde desse dia eu nunca mais eu tive saúde. E a médica falou pra mim que, que... o que eu estou sentindo agora é um tipo de uma melancolia, uma depressão melancólica. Que é pra mim me cuidar nessa parte... e eu não posso ficar nessa depressão nervosa, com essa coisa dentro de mim, eu tenho que me soltar, eu tenho que... fazer um tratamento, para mim poder melhorar. Que tem hora que eu tô sentada, quieta, aqui, e tô chorando sem que, sem querer, eu começo a chorar, eu não posso ficar muito tempo aqui, quieta num lugar, que eu despenco a chorar. Olha como é que eu fico, é isso aí.

13. E de saúde a senhora tá se tratando no hospital?

De saúde, tô me tratando aí no hospital do servidor, né?

14. E agora vai fazer acompanhamento...

Fazer acompanhamento com psicólogo.

15. É importante...

É ela falou que isso vai ser muito importante, agora quarta-feira da semana que vem, eu vou ter que ir dia dezesseis e dia dezoito. No cardiologista, porque minhas batidas cardíacas também andam poucas e... essa dor de cabeça que é horrível, que eu não consigo dormir a noite, eu tomo calmante, mas o calmante vicia e eu não quero tomar calmante todo dia. Eu tomo quando eu tô muito estressada, muito

nervosa... aí eu tomo um calmante da receita médica, mas no outro dia por exemplo, eu já não tomo. Eu já não tomo porque eu já começo a tomar calmante, eu vou ficar viciada e depois pra me aguentar cê já viu, né? Aí eu não vou aguentar nem levantar da cama, então eu evito tomar. Agora o remédio de pressão eu tomo um dia sim, um dia não. Quando eu sinto aquela dor de cabeça, aquele nervoso, eu tomo o remédio de pressão, aí eu melhoro.

ENTREVISTA 4:

Nome: M. C.

idade: 61 anos

Problemas:

osteoporose

Faltas e/ou Licenças Médicas:

02.08.95 a 31.08.95 de licença médica

Cargo: Agente Administrativo e Serviços Gerais

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

1. O que levou a senhora a trabalhar na Prefeitura?

Como o que levou? Porque eu fui trabalhar na Prefeitura? Porque era melhor aqui.

2. E... e a senhora foi da época da Neuza?

Eu entrei junto com a Lizete, no mesmo dia. Só que eu trabalhava... nós entramos pela BRASANITA, ah... pela companhia BRASANITA, né? Éramos copeiras, depois... mas pela firma BRASANITA, depois a Lizete passou e eu pra... A Lizete passou pra Prefeitura e eu fiquei aí no tempo, né? Depois eu sabia que ia passar pra Prefeitura e eles me passaram, né? Entendeu como é que é?

3. Entendi. E... como foi a escolha? O que levou a senhora a querer entrar na Prefeitura e, não continuar na empresa que tava mais...

Porque lógico, eu trabalhava no mesmo lugar aqui pela BRASANITA e eu tendo a oportunidade de entrar na Prefeitura. Quem é que não gostaria? É claro que eu gostaria... entrar na Prefeitura, né? E ser funcionária, não é?

4. E a senhora está satisfeita no trabalho?

Eu estou e agora estou bem, mais ainda. É que eu fiquei muito tempo, trabalhei muito, claro que trabalhei sempre na copa, né? Trabalhei muito tempo na copa, depois da copa eu fiz concurso passei... pra... tinha feito pra serviço escolar né, passei. Mas a Miriam não queria deixar eu saí da, da Planejamento pra ir pra, pra, pra Educação, né? Então a Miriam falou, não Dona Marta, presta concurso como contínua e fica aqui com a gente e foi o que eu fiz, né? E aí eu fiquei como contínua né, e saí da copa.

5. O que a senhora mais gosta de fazer aqui na SEMPLA?

Ah, o que eu tô fazendo agora (telefone). Eu adoro esse é a minha, a minha paixão e sempre foi sabe. Tanto que eu fiz um concurso pra telefonista, mas não passei, né? Então eu não fiquei.

6. E o que a senhora menos gostou de fazer ou menos gosta de fazer?

Mas se eu não tivesse dor na perna eu gostaria de fazer tudo. Eu não ligo, porque quando eu não tinha dor na perna eu fazia de tudo, eu gostava e eu fazia... sabe? Sabe serviço assim, que nem era da minha parte, mas eu gostava eu sempre xereteava pra fazer, entendeu? Eu tenho vontade de fazer tudo, se eu tenho alguma coisa que eu não gosta de faze ... é o meu problema que eu não posso andar muito, né? Nem ficar muito de pé, depois que eu fiquei quase um ano e meio de licença, lembra? Que eu fiquei, que... o meu médico disse que eu... que eu tentei aposentadoria por invalidez pra mim, né? Mas eu não consegui assim mesmo, né?

7. É... eles não aposentam ninguém. E... de atividades o que a senhora já fez fora da SEMPLA?

Trabalhei na roça, trabalhei em tanta coisa oh... minha filha. Já fiz tanta coisa, trabalhei de enxada, trabalhei na roça, fiz de tudo plantei batata, arranquei batata, colhi uva. Fiz sabe? O que dava pra fazer.

8. E... dessas atividades que a senhora fez fora, a senhora gosta mais do que fez fora ou do que está fazendo agora... É o telefone, né?

É o telefone eu queria estar trabalhando aqui mesmo, né? Porque eu faço minha parte, depois a Lizete pega e eu fico sossegada, né?

9. E... como é a estrutura da sua família atualmente? A senhora é casada tem filhos?

Sou viúva e tenho cinco filhos. O primeiro é formado em direito e trabalha numa empresa, o... a filha, a segunda é filha, não formou, mas é casada, tem três filhos e trabalha de... secretária numa firma dentária, né? Tem três filhos, o marido dela trabalha de... dirigir caminhão. O outro ah... fez vestibular, não é o Sidnei, Sidnei fez faculdade se formou em História, que trabalhava no banco Banespa, né? E é professor e agora tem uma firma particular, uma empresa ah... uma empresa sabe como é que é? Que trabalha com água, sabe? Que usa água de garrafão e água boa, né? Então é a empresa dele. O Flávio... fez só a oitava, porque eu tive que mudar de cidade, porque eu fiquei viúva, eu fiquei com ele... fiquei com ele pequenininho, eu fiquei viúva o meu caçula que agora tem trinta e sete anos, tinha cinco anos. Quando eu fiquei viúva, né? Eu criei ele sozinha mesmo, né? Eu e Deus. O Flávio fez só a oitava e não quis mais estudar, aí ele trabalha com o Sidnei na empresa. Eu tenho o Roberto, a Mara, o Sidnei, o Flávio e o caçula tá fazendo faculdade na USP, ele tá fazendo Geografia ainda não terminou que é o caçula, né? Tenho

uma filha adotiva que é menina, que é escurinha, que às vezes vem aqui, que é pretinha mesmo, que eu peguei ela com três dias, agora dia vinte e nove de fevereiro, ela vai fazer vinte anos. Peguei ela com três dias e ela vai fazer vinte anos agora, já, é um amor de menina. Sabe aqui comigo ela é melhor do que os meus filhos mesmo, entende?

10. E o que a senhora acha do trabalho na Prefeitura como um todo?

Eu acho que o serviço da Prefeitura é bom, mas o salário muito pouco. O salário não dá... eu ganha duzentos e sete reais isso é, é... só, venho pra não ter que ficar em casa, porque a gente fica, fica em casa que nem o meu filho falou: "Mãe sai da Prefeitura fica em casa que eu te pago um salário pra senhora atender o telefone, pra senhora ficar aqui, ligo pra pedir água tudo, a gente paga mais que isso". Mas eu não quero só isso, porque eu gosto de ficar aí, de, de trabalhar entende?

11. E o que a senhora acha do ambiente de trabalho aqui?

Ótimo, gosto muito, por isso que quando eu fui pra DEMED, ele falou pra mim se eu queria mudar de setor, né? E... eu tenho ali na... tem aqui a Bandeirante que meu filho Enrico também trabalhou lá um tempo, né? E eu tenho uma amiga minha que ela é dentista, já é uma senhora e ela trabalha lá e ela queria que eu fosse pra lá falar com o Chefe dela, ela falou: "Tudo bem". Ah... cê pega, eu te dou um memorando para que eu levasse para a Secretaria e vê se eles te transferem pra lá, né? Já tava pronto tinha falado e tudo, né? Com o amigo que era o Robson, naquele tempo era o Robson, era o Robson mesmo? Quem é Robson? E ela falava tudo bem que eles iam arrumar, mas aí eu pensei assim, não. Eu acho que eu não vou me dar bem, porque eu trabalho aqui, desde que eu entrei, eu trabalho só nessa Secretaria, né? Nunca troquei, então aqui todo mundo me conhece, eu conheço, sabe? Eu conheço todo mundo, todo mundo sabe como é que eu sou, né? Então eu acho pessoas maravilhosas pra mim, até a moça do DEMED falou e eu falei, não eu não quero

mudar de Secretaria, eu quero continuar lá, porque eu gosto de lá. E eles falam que me admiram, porque tantos funcionários vêm e pedem para trocar de Secretaria, e pedem por favor pra trocar, porque não quer ficar na Secretaria, aí eu falo eu já sou ao contrário, eu quero ficar aonde eu comecei a trabalhar. Eu adoro o pessoal aqui, todos.

12. E o que a senhora faz de lazer?

Sabe o que? Que eu faço... lavo roupa, passo, faço comida, limpo a casa, cuido das roupas dos meus filhos. Sábado e domingo é o que eu tenho que fazer, não é verdade?

13. E o que a senhora gostaria de fazer?

O que eu tenho vontade de fazer? Eu tenho vontade de viajar, ir pra praia, olha que eu adoro praia, ficar na praia e pode? Com o salário que a gente ganha, pode? É isso aí, né?

14. A senhora acha que tem alguma coisa no trabalho que possa ter contribuído no processo da doença? Movimentar muito ou ficar muito cansada?

Não, o pior é quando eu subo no ônibus que dói um pouquinho, mas o restante também é normal, né?

ENTREVISTA 5:

Nome: N. C.

idade: 47 anos

Problemas:

problema nos rins

Faltas e/ou Licenças Médicas:

10 faltas abonadas

Cargo: Agente Administrativo e Serviços Gerais

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

1. É... o que levou o senhor a vim trabalhar aqui na Prefeitura?

Prefeitura? Que veio fazer aqui na Prefeitura? Sei lá, eu queria emprego na época. Não na época eu entrei sem concurso, depois teve concurso formal, aí passei.

2. Foi efetivado?

Fui efetivado depois de muitos anos, muitos anos... demoro mesmo, demoro. Mas eu não tô preocupado com isso.

3. Então o senhor entrou nesse trabalho, por causa do desemprego da época?

Da época, foi o que apareceu primeiro vai. Não foi desemprego não, foi o que apareceu primeiro na época, que eu tava envolvido já.

4. E o senhor está satisfeito?

Não.

5. Porque?

Porque?! Se pergunta porque... funcionário público... é o pessoal mais mal pago da sociedade na qualidade de hoje, tá?

6. O que o senhor mais gosta de fazer das atividades que o senhor realizou dentro da SEMPLA?

Aqui? Do que eu já fiz, gostei de tudo, eu trabalhei muito mas nunca fui... reconhecido como um bom trabalhador. Em vinte e seis anos de Prefeitura, uma falta só, tá? Hoje sou o que sou. E dentro disso aí vem mais pergunta que aí eu... não vou mais responder.

7. E das atividades que o senhor já realizou, fora da SEMPLA... teve outros empregos anteriores? Quais empregos?

Vários e tenho até hoje. Já fui corretor, já fui vendedor, já fui... é... marre, marre, marreteiro, já fui... não vou falar mais, porque já fiz de tudo nessa vida. Pra conseguir sobreviver.

8. E de que o senhor mais gostou? Das atividades que realizou fora da SEMPLA?

Ah..., de todas que eu fiz, sempre gostei de todas elas. De todas eu gostei, sempre foram mais educativas que aqui.

9. Se o senhor não gosta daqui, porque o senhor não sai?

É... é uma boa pergunta, é uma boa pergunta. Não saio daqui, porque tenho vinte e três anos de Prefeitura, cê eu sai daqui não tenho décimo terceiro, não tenho nada. É com uma mão na frente e outra atrás. Como eu tenho que dar uma... pelo menos um... um pouco da quantia pra minha família, porque eu não sei que dia que eu morro, se eu morro hoje, se eu morro amanhã. Eu tenho que deixar alguma coisinha pra eles, pelo menos um pouquinho um feijão e um arroz, se a Prefeitura garantir ainda, que eu não acredito que esse salário vai garantir, tá? É por isso que estou aqui ainda.

10. O senhor está pra se aposentar?

Não, ainda faltam sete anos ainda.

11. Como é sua estrutura familiar atualmente? Tem esposa, tem filhos?

Tenho esposa, filhos.

12. Quantos filhos você tem?

Eu tenho... cinco.

13. Cinco. O menor tem quantos anos?

Tem doze.

14. O que o senhor acha do trabalho da Prefeitura como um todo?

Eu acho um lixo. Eu acho uma coisa... uma das piores coisas que eu não indico pra ninguém, jamais. Um filhos meus já quiseram entrar aqui e eu disse: jamais, não vai entrar aqui nunca, tá?

15. E no ambiente de trabalho?

O ambiente é uma maravilha, as pessoas são maravilhosas, tá? As pessoas são sofridas, tem... a Prefeitura se divide em três níveis, tá? Cabide emprego, funcionário privilegiado e funcionário, três níveis, esse é o nível que é a Prefeitura. Sei de coisas que eu não vou falar nessa fita que eu não sei quem é que vai ouvir essa fita, sei de coisas que só eu sei e vou sair daqui com ela. Mas isso aqui é um... um antro de, de safadeza é um antro de aproveitar e é um antro de trabalhadores. Tem esses três níveis de trabalhadores aqui. Aqui tem pessoas humildes, pessoas... é... vamo, vamo tentar interpretar isso pra você, tem pessoas que... vivem naquele meio termo, puxando saco, aquele negócio todo, que fica no bem-bom prejudicando aqueles pequenos. E tem o nível mais alto, que tem o nível dos protegidos, aqueles níveis de cabide de emprego que é fora de sério. É fora de sério.

16. Mas aqui na Prefeitura tem muita gente boa.

Tem gente boa, tem maravilhas.

17. E como é o seu relacionamento com as outras pessoas do seu trabalho?

Não, todos são bons. Não vou negar.

18. Tem muitos amigos? Ou é amigo de colega de trabalho?

Não amigo, todos são amigos. Eu não levo nada pro lado mal, se eu me desentender hoje, amanhã eu tô dando beijinho no rosto, sou desse jeito. Eu sou assim, amigo, eu tenho bastante mas têm os interessados, têm aqueles... têm de todos os jeitos e todos são meus amigos e me tratam bem, porque eu trato eles bem, de acordo com o nível de cada um. Me relaciono com todos eles, tá? Com nível alto,

com nível médio,com nível baixo, com nível miserável, me relaciono com todos eles porque eu vivo na vida que é a sociedade aí fora. Que é lá fora que eu vou receber dinheiro. Se eu tenho uma vidinha boa, é devido que eu ganhei lá fora.

19. Então o senhor faz bico lá fora?

Bico? Olha, bico eu faço aqui, bico é aqui. Isso aqui pra mim é bico, lá fora é ganhar dinheiro.

20. E o senhor trabalha do que atualmente?

Olha, mas recentemente, eu não vou falar, eu trabalho... corretor de imóveis vai. Só algumas coisas tá, eu não vou declarar que se não vou encher essa fita aí e não é por aí. Têm outros negócios mas não é por aí. O que eu sou hoje, sou corretor fora.

21. O que o senhor faz de lazer?

Lazer eu faço tudo, lazer pra mim, a vida é um lazer. Minha vida têm um lazer vinte e quatro horas por dia. Desde que eu tô acordado, desde que eu tô acordado eu tô tirando lazer, porque a vida é tão curta, a vida é tão curta que eu tenho hoje trinta... não tenho quarenta e três anos. Esse período todo, todo eu tenho quarenta e quatro de vida, mas não é vida, vida é mesmo praticamente quinze anos, porque eu vivo o tempo que eu tô acordado, que eu tô alegre, esse é o tipo de vida que eu tenho.

22. E o que o senhor gostaria de fazer em relação a outro tipo de trabalho?

Aqui dentro? Aqui dentro? Queria ser reconhecido como um bom funcionário, sou um bom funcionário.

23. Você não acha que tem alguma coisa que ajudou no processo da doença?

Eu não tenho doença nenhuma, minha doença é... é eu gosto de beber. Só isso, se isso aí é doença, isso pra mim não é doença não, isso aí é coisa da vida, tá?

24. Eu achei que você tivesse problemas nos rins.

Há tenho sim, tenho mas eu tive com... com o tempo. Já que te falaram eu tenho, já fui operado três vezes. Não tenho problema, só que eu acho que uma doença é uma coisa normal pro cidadão. Acho que não tem nada ver, pra mim doença é coisa que nem germe, é coisa da vida certo? Hoje eu tô preparado pra sentir dor, acredita? Eu tô preparado porque já senti muitas dores, sofri muito com operações que eu já fiz tal... hoje tô preparado pra sentir dores.

ENTREVISTA 6:

Nome: T. R. R.

idade: 48 anos

Problemas:

- problema crônico de prisão de ventre
- amigdalite
- suspeita de Chagas

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 3 faltas abonadas em 95
- 02.05.94 a 11.05.94 de licença médica

Cargo: Auxiliar Técnico Administrativo

Unidade de Trabalho: Assessoria de Recursos Humanos

Formação: 3o. grau completo - Administradora de Empresas

1. O que levou você a trabalhar na Prefeitura?

Prestei concurso, passei comecei a trabalhar e trabalhar.

2. Você trabalhava em outra coisa antes?

Não, sempre trabalhei fora, né?

3. Trabalhou de que?

Sempre... em recursos humanos, departamento pessoal.

4. E... você está satisfeita com o trabalho atualmente?

É, estou, né? De repente essa satisfação a gente que tem que buscar porque normalmente a Prefeitura não oferece assim... não oferece incentivo, para que você sinta bem no serviço, não só na Prefeitura como em qualquer lugar você tem que buscar sua satisfação pessoal, você tem que... procurar um objetivo pra... ficar satisfeito.

5. E o que você mais gosta de fazer do seu trabalho?

O trabalho como o todo.

6. Das atividades que já realizou fora da SEMPLA, qual você preferiu? Ou você sempre trabalhou com uma área assim?

Ah, eu sempre me lidei com pessoal.

7. Você gosta dessa parte?

Gosto.

8. Como é sua estrutura familiar atual?

Como estrutura, como assim?

9. Se você tem filhos, se é casada, divorciada...?

Sou casada, vivo com meu marido e tenho outras pessoas que nos cercam.

10. Tem filhos?

Não.

11. E o que que você acha do trabalho da Prefeitura como todo?

Como assim?

12. Se funciona ou não funciona, tem algum motivo... para as pessoas rotularem o trabalho da Prefeitura, de uma tal maneira que tem uma razão de ser ou não.

Não, como um todo, eu acho que... aquela imagem que eu tinha de serviço público realmente, é real, depende de cada um porque nem, não é aquela coisa que... percebe-se que o pessoal não leva a sério, mesmo porque eu acho que não devo, pelo fato de ter estado, então a pessoa não tem incentivo assim pra... procurando melhorar. Ela não teve expectativa de melhora, então ela se... vai depender de cada um, né? Se a pessoa já tem aquela índole de ser um pouco acomodado de não buscar, então se acomoda porque, primeiro bom, isso aqui eu vou ter... até quando eu quiser, ninguém vai me mandar embora. Então... a pessoa se acomoda lógico, se eu trabalhar recebo e se eu não trabalhar recebo e se eu não trabalhar recebo do mesmo jeito e não vão me mandar embora, e se a pessoa tem essa tendência, realmente é um bom lugar. Agora pra quem tem expectativa de melhora... de objetivo, aqui não é um bom lugar, tem tendência a acomodado.

13. Você as vezes sente que... sente frustração, por exemplo, você queria estar fazendo alguma coisa e de repente você vê que é... as pessoas não... reconhecem o seu trabalho e que se você fizer o básico, o básico e mais um pouco, não faz diferença nenhuma?

Não, eu não sinto frustração porque de repente é uma coisa assim, sabe? Eu estou aqui consciente então é uma coisa assim, deixa eu ver, se eu fizer melhor, eu vou ter que buscar e pra buscar tem que buscar lá fora e lá fora e devido... a idade, mulher, bem casada, quer dizer, tudo isso são coisas que tolhem, principalmente a

idade, então depois que passa essa faixa etária dos trinta já é meio difícil de buscar lá fora. Eu vou ter que... procurar coisas que me satisfaça aqui dentro, mesmo porque eu já estou em fase da aposentadoria então, quer dizer, não adianta deixar aqui pra ir buscar, a não ser que eu tenha condições de montar uma coisa por conta própria. Gostaria sim, mas eu não... não tenho tempo pra conciliar aqui e outra coisa lá fora, então eu vou aposentar aqui e depois de me aposentar... talvez fazer alguma coisa lá fora, sei lá.

14. Você leva uma vida assim rotineira, a mesma coisa todo dia ou varia muito, trabalhar...

Trabalho e casa.

15. Você mora muito longe daqui?

É longe, em média uma hora.

16. E o que você acha do ambiente de trabalho onde você está agora, das pessoas que trabalham com você...

É, eu acho que é bom. A gente tem um bom relacionamento.

17. E esse relacionamento é a nível de amigo ou a nível de colega de trabalho?

Acho que a nível de trabalho, né? De colega de trabalho.

18. E o que você faz de lazer?

Atualmente minha vida está hiper tranquila, nem assisto televisão porque minha paciência, eu não consigo sentar diante da televisão... tipo assim... sabendo que

eu poderia estar adiantando alguma coisa pra amanhã ou passando roupa, então eu não consigo, acho que é uma coisa minha mesmo. Ao assistir televisão eu prefiro pegar um bom livro pra ler.

19. Então o tempo livre que você tem, você prefere ler um livro ou conversar com uma pessoa.

Sim, uma pessoa que tem um papo agradável, conversar tipo assim o que aconteceu, chegar nas casas e ligar a televisão, o pessoal deixa a televisão ligada e não te dá atenção, você chega até ficar sem graça, peraí, eu não sou ninguém. Tem alguém em casa, a televisão não liga. Acho aquela pessoa importante que ainda troca de idéia, é mais importante do que eu estar grudada na televisão.

20. Você não faz esporte nenhum?

Não, eu cheguei a fazer natação mas atualmente...

21. Nem andar nem dar uma andadinha nada?

A título de esporte não.

22. E o que você gostaria de fazer, pelo jeito é abrir uma coisa sua, né?

Ah, eu tenho, saindo daqui eu tenho... dois objetivos, ou eu vou montar, abrir uma escolinha pré ou então... uma oficina de costura. Costura pra mim é, funciona como terapia, eu me envolvo tanto que consigo esquecer todas as coisas, coisas ruins que me afligem, costurando eu consigo esquecer tudo.

23. Você sabe se tem alguma coisa que no trabalho alguma tensão no ambiente ou... alguma coisa assim que possa ter influenciado assim nas suas doenças na debilidade física ou alguma coisa desse tipo?

Talvez sim, não digo aqui, porque eu já vim com uma certa bagagem, uma certa experiência, então eu não levo tudo a ferro e a fogo mas talvez no meu primeiro emprego sim, porque eu sou muito... como se diz, eu tenho muita ansiedade, eu sou muito impaciente, então eu quero pra já, promete? Se o Chefe promete aumento eu quero já, eu quero saber quanto, como, sabe? Então era mais ou menos assim. Então eu acredito que tenha sido se passado de um começo, passado de uma certa responsabilidade pra mim, mesmo que eu não tivesse tão solta, nem que eu tivesse que revirar meio mundo, ficar vinte quatro horas ali, eu nunca iria chegar e falar : Tá, eu não consegui. Entendeu? Eu queria dar conta do recado, então eu acho que isso eu me forcei muito, talvez por caminhos errados, né? Talvez tenha sido prejudicial. Às vezes a gente tem que se esforçar, mas a gente tem que procurar caminhos mais leves, coisas mais leves. Sem muita tensão.

24. Você trabalha na Prefeitura faz quantos anos?

Três anos.

25. Você faz acompanhamento com médico particular, né? Nada pelo governo.

Eu cheguei a fazer pelo servidor público mas... sei lá, não é que eu não acredito, eu acredito sim no serviço público mas de repente agora tá muito largado tudo, não só como saúde, educação, enfim, está tudo deixado, né? Então eu preferi convênio e fazer particular.

26. Então quer dizer então que você tem um convênio particular e você faz acompanhamento independente. É mais garantido, né?

Não, pelo menos não tem aquela de você chegar e o médico não vem hoje, o médico não tava aqui porque a máquina tava quebrada. Então é uma coisa mais certa, talvez pela minha impaciência a minha indolência.

ENTREVISTA 7:

Nome: D. de S.

idade: 46 anos

Problemas:

· desmaios e tonturas repentinas

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- · 2 faltas abonadas
- 09.12.94 a 16.12.94 e 30.09.94 a 05.10.94 de licença médica

Cargo: Agente Administrativo

Unidade de Trabalho: Assessoria de Recursos Humanos

Formação: 1o. grau completo

1. O que levou a senhora a trabalhar na Prefeitura?

É... porque eu precisava mesmo, por necessidade, né? E eu sempre tive vontade.

2. E a senhora trabalhava do que?

Antes eu sempre trabalhei em casa, de dona-de-casa.

3. Ah, de dona-de-casa daí prestou concurso?

Prestei concurso esperei, né? Porque tem que esperar um pouco depois, aí... passei depois fiz os exames e... entrei.

4. A senhora entrou... a senhora tem o segundo grau completo?

Eu tenho primeiro só.

5. Então a senhora sempre quis trabalhar na Prefeitura?

Sempre tive vontade de trabalhar, né?

6. E você está satisfeita com o trabalho?

Estou.

7. O que mais gosta de fazer?

Olha eu gosto mesmo é de lidar com o público, né? Então pra mim tá bom, eu tenho vontade de ser útil pras pessoas, né?

8. E o que a senhora gosta menos de fazer?

Ah, eu não gosto de... das pessoas que vem dar palpite, que é do mesmo nível que eu e começa a dar palpite querer... passar mesmo por cima daí eu não gosto.

9. E das atividades que já realizou qual prefere? Aqui da SEMPLA.

Pra mim aqui tá tudo bom pra mim.

10. A senhora sempre foi contínua?

Sempre fui, entrei como contínua.

11. Sempre trabalhou com as pessoas desse andar?

Não, quando eu vim aqui fui trabalhar no sétimo andar. Eu gostava, mas sempre queria ficar aqui em cima, né? Eu gostava da turma daqui, sempre gostei. E aí era pra mim ficar no Protocolo, mas precisaram de mim pra cá e como eu gostei desde de cara daqui, né? Aí eu queria ficar aqui mesmo nesse andar. Eu gostei da turma desdo primeiro dia.

12. E como é a sua estrutura familiar atual? É casada, tem filhos?

Tenho.

13. Quantos filhos?

Tenho quatro, quatro filhos.

14. A senhora vive sozinha?

Agora vivo separada, por isso que eu não queria ter mais filhos.

15. Quantos anos tem o menor?

O menor agora tem treze anos.

16. Ah, já é mocinho.

Ah, é agora já.

17. O que a senhora acha da Prefeitura como um todo?

Ah eu acho... eu gosto, acho legal.

18. A senhora acha que funciona?

Funciona. Sei lá, acho que tem que ter boa vontade também, né?

19. Tudo que as pessoas falam a respeito da Prefeitura, que todo mundo que trabalha lá é... devagar, que tem corpo mole...

Ah, eu não acho, tem alguns que gostam, que não querem fazer nada. E quem gosta de trabalhar eu acho que... não existe isso que tem muita gente mostrando serviço, né? E eu gosto de ficar mais com pessoal que gosta de trabalhar.

20. E o que a senhora acha do ambiente de trabalho?

Ah... pra mim é... eu acho assim, né? Também não tem o quê, aqui não tem nada ruim que as pessoas eu tudo eu gosto.

21. Como é seu relacionamento com as outras pessoas?

Pessoas dos outros andares? Ah, é normal.

22. A senhora tem amigos aqui, bastante?

Tenho bastante amigos.

23. Amigos ou colegas?

Colegas, amigos mesmo é muito difícil, né?

24. E o que a senhora faz de lazer? Faz esporte?

Já fiz isso mas quando era mais jovem, agora não agora só... serviço mesmo.

25. E o que a senhora gostaria de fazer?

Ah, o tipo do serviço que eu faço.

26. Serviços fora?

Olha como eu nunca trabalhei fora eu não sei, né? O primeiro trabalho meu foi esse, então pra mim tá bom.

27. E a senhora acha que é muito puxado o trabalho que a senhora faz aqui ou é leve?

Não é leve, pra mim tá bom. O que eu não gosto esse serviço assim mais andando e eu gosto eu não gosto de ficar parada. Então quando não tem nada, eu dou uma voltinha.

28. A senhora acha que tem algo assim no trabalho que ajudou no processo da doença?

Como assim que me prejudicou? Não.

29. Nada?

Pelo contrário, fico mais a vontade eu nem...

30. Trabalhar é bom, né?

É bom pra cabeça, pro corpo eu não vejo a hora de levantar e... o lazer meu é este. Condução e tudo às vezes fica um pouco nervosa, mas faz bem sabe? Não é você ficar só presa dentro de casa. Você não tem noção de nada, trabalhando você aprende muita coisa e é bom. Final de semana eu fico em casa, porque eu sei que na semana eu vou me distrair, vou trabalhar vou... né? Então pra mim é bom.

ENTREVISTA 8:

Nome: O. T. N. F.

idade: 57 anos

Problemas:

- problema nas "juntas"
- joelho incha

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 09.08.95 a 18.08.95 e 13.07.95 a 22.07.95 de licença médica
- · Cargo: Motorista

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 3o. grau incompleto - Ciências Contábeis

1. O que levou o senhor a trabalhar na Prefeitura?

O que levou? É... é sério? O aborrecimento.

2. Você estava chateado com o outro emprego?

Sim, com a função que eu exercia.

3. Posso perguntar qual era?

A vontade.

4. E qual era?

Racismo por eu ser negro, eu era, sempre trabalhei na área de administração, né? Inclusive eu fui Chefe administrativo do INAMPS do Ministério chefiando os funcionários. Saí dali, fui trabalhar na Formalar construtora, lá tinha cerca de três mil

funcionários, né? E durante eu cansei de escutar, negro nunca foi gente, porque tá mandando em todo mundo? Coisas assim, né? Como eu já estava... com o meu pé de meia na língua popular, eu percebi que não deveria mais me aborrecer e aí eu... quando estava no INAMPS levei uma turma de funcionários lá para fazer inscrição na Prefeitura e na brincadeira eu acabei fazendo também, como motorista, e calhou nessa época de quando eu estava aborrecido, me chamaram e eu entrei no emprego. E acabei ficando.

5. E o senhor está satisfeito com o emprego aqui?

Estou.

6. Mesmo com salário?

Pra ser sincero eu venho aqui como bico e não como emprego porque eu sou técnico em refrigeração, ar condicionado e máquina-de-lavar, então eu ganho mesmo é lá fora. Aqui é mais pra aposentadoria.

7. E o que o senhor mais gosta de fazer?

Ser técnico.

8. O senhor trabalhou com administração e depois fez um curso técnico.

Exato. É... com o tempo vago que eu tinha eu aproveitei, fiz o curso, me dei bem e acabei gostando, né? E vivo otimamente bem mexendo com, máquina de lavar, principalmente, né?

9. E o que o senhor menos gosta de fazer?

O que eu menos gosto de fazer? É ruim hein? Eu não tenho, eu não tenho o que eu menos gosto, eu gosto de tudo que é bom.

10. Das atividades que o senhor já realizou dentro da SEMPLA, qual que o senhor prefere?

Dentro da SEMPLA? Eu não tenho nenhuma preferência, eu me dou bem com todos, qualquer pessoa que eu tenha amizade eu sempre me dei bem. Eu tenho amizade com todos aqui, inclusive eu já tive várias convites para trabalhar, em vários setores, me sinto muito bem aqui.

11. E como é a sua estrutura familiar atual?

Como assim?

12. O senhor é casado, têm filhos?

Casado, tenho sete filhos, três netos. Antigamente não era problema, agora sim, antigamente eu tinha cinquenta e sete anos então eu tinha que usufruir dessa alegria e hoje não, né? E hoje é tristeza ter muito filho, né? Nem dá pra educar.

13. E o que o senhor acha da Prefeitura como um todo?

Eu acho muito injusto, né? Porque... não pela maioria das pessoas, tá? Dos funcionários em si mas sim da minoria é... que os políticos se aproveitam, né? Da... como se diz? Pra generalizar, né? E a gente acaba sofrendo por isso, trabalhadores dedicados acabam pagando por erros que não cometeram.

14. E o que que o senhor acha do ambiente de trabalho?

Ótimo. Vim pra cá e só saio daqui quando me aposentar.

15. O que que o senhor faz de lazer?

Praia, tenho casa na praia. Trabalho, como trabalho, por prazer, né? É o que eu prantei. Eu vim pra Prefeitura já estava com o meu pé de meia feito. Eu já estava mais ou menos realizado mas você têm que estar totalmente realizado.

16. O senhor têm o segundo grau completo?

Eu tenho até o terceiro grau incompleto. Contabilidade. Eu sou curioso e gosto de ganhar dinheiro.

17. É bom saber que tem gente assim, que está feliz com o que faz.

Eu gosto do que faço, faço com amor, tanto é que máquina-de-lavar eu tenho fregueses de quatorze anos.

18. O que o senhor gostaria de fazer hoje em dia?

O que eu faço.

19. O senhor acha que tem alguma coisa assim no trabalho, na Prefeitura que ajudou no processo das doença?

Eu acredito que não. Eu tenho como fatalidade, né? Porque veja bem, eu fui... um atleta velocista, tenho medalha de prata em casa, fui pugilista e hoje eu tenho problema nas pernas e é ruim, né? E eu tenho como fatalidade. Eu acho que é o que tinha que acontecer. Pra quem tem medalha de prata e foi pugilista, né? E agora têm

problema nas pernas é ruim, não é? Eu acho que é uma fatalidade. Eu acredito que seja assim é... excesso de exercício.

20. Mas hoje não dói, né?

Não porque eu fiz tratamento, né? Na Prefeitura.

Análise dos dados:

A partir de uma primeira leitura das entrevistas percebeu-se que os dados obtidos seriam insuficientes para uma resposta mais conclusiva sobre os objetivos do projeto da pesquisa.

Portanto, as análises foram feitas da seguinte maneira:

- Buscou-se cumprir o objetivo da pesquisa, de maneira que despendemos maior atenção a hipótese proposta da relação doença-trabalho.
- 2. Procurou-se então, outros dados, relacionados com opiniões individuais de cada entrevistado, envolvendo também a vida dele fora do ambiente de trabalho.
- 3. Decidiu-se então, apresentar a análise de cada uma das entrevistas.
- 4. E por último apresentar a caracterização final.

ANÁLISE INDIVIDUAL DAS ENTREVISTAS:

ENTREVISTA 1:

Nome: N. F.M.

idade: 49 anos

Problemas:

- · osteoartropatia hipertrófica
- · vestibulopatia de origem periférica
- labirintite

Faltas e/ou Licenças Médicas:

• 500 dias de licença médica

Cargo: Agente Administrativo e Serviços Gerais

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

O entrevistado se sente lisonjeado, por ter sido escolhido para responder perguntas e diz que já é a segunda vez que ele e sua doença podem ajudar numa pesquisa. Com o decorrer da entrevista percebe-se que ele faz elogios à entrevistadora, mesmo que de maneira indireta, associando-a com os médicos que cuidam dele no Hospital das Clínicas, e que ele gosta e considera como competentes - ele faz essa correlação pela mesma descendência nipônica apresentada por eles. Ele se sentiu bem ao conversar sobre a sua vida e doença e prolongou a entrevista o mais que pôde.

Homem de meia idade, casado e sem filhos. Sua esposa também trabalha na Prefeitura.

Ele diz, logo no início da entrevista, ao ser questionado sobre o porquê do ingresso na Prefeitura "Há se era bom, há se era... agora, o salário era melhor. Atualmente... não... dou conselho à ninguém entrar na Prefeitura mais. Só se melhorar a parte de salário que está péssima" e "Exatamente... valia a pena trabalhar na Prefeitura, naquela época, valia" o que comprova que na época do ingresso dele as coisas eram diferentes e melhores do que estão agora. No entanto não desenvolve nada que explique o porquê da decadência do trabalho na Prefeitura e a única coisa que ele especifica como diferente era o salário.

Faz também muitas referências à números e datas "com os descontos recebo trezentos e trinta e um reais e quarenta e dois centavos" e "trabalhei... um ano... e dezoito meses e três dias".

Aparenta ser uma pessoa muito envelhecida que diz "estou jogado por aí, quer dizer jogado cê entende, né?", "hoje não dá mais não, porque a idade não dá mais" e "novinha nada, ela era novinha quando eu casei com ela. Mas ela tem quarenta e um anos, mas se você olhar, não diz que ela tem a idade que tem", julgando a sua mulher de quarenta anos como velha, o que é de difícil entendimento nos dias de hoje, onde as pessoas vivem mais e as pessoas de quarenta anos ainda estão na em pleno pique de trabalho e vida.

Ele também vê a doença assim "não, não a minha doença veio normalmente". Como algo natural e inevitável. É importante observar que ele só tem 49 anos.

Conta ainda este caso "mas tem uma coisa que hoje até hoje eu tenho um problema no braço que foi causado por um acidente, foi em outubro... dezenove de outubro de oitenta e nove. Eu caí em frente aqui na Av. São João em frente ao Martinelli eu trabalhava na rua, serviço de expediente, era mais ou menos uma quatro e pouco e estava começando a formar uma chuva. Aí eu entrei correndo no prédio Martinelli e saí e tava chovendo aí eu escorreguei e tronquei... a clavícula. O braço foi lá em baixo. Na hora não foi dor não, na hora foi pouco, depois foi esfriando chegou no hospital, eles aplicaram uma injeção para puxar, aí foi dor, até chorei. Chorei então fiquei com problema. Tenho dificuldade hoje... de andar de ônibus... não consigo dói muito (segurar no apoio)" como se fosse acidente de trabalho, e na verdade não foi.

Com relação ao seu trabalho ele diz "Olha, eu nunca escolhi pra fazer eu sempre gostei de trabalhar, não tenho preguiça para trabalha, eu acho que têm coisas que aqui na Prefeitura que se fica nervoso e de, às vezes... o que eu não gostava de fazer mesmo e não gosto é de fazer serviço particular pros outros. Saí fora pra enfrentar fila de banco essa coisas eu não gosto não. Que não faz parte dos meus, dos meus... serviços na Prefeitura até faz, mas eu não gostava de fazer não. Até fazia por amizade, a gente faz, mas tem uns que fala: "Ô vai fazer isso, vai fazer isso, vai fazer isso, vai fazer isso, vai fazer serviços particulares. Mas ele também não gosta de alguns serviços que são da sua alçada e que ele tem que fazer agora, o que deixa uma certa dúvida quanto a questão do gostar de trabalhar. O serviço que ele mais gostava era a parte de gráfica.

Ele é readaptado funcionalmente, pela questão da sua saúde precária e isso é uma desvantagem comprovada quando ele diz "foi, foi fiquei readaptado, uma readaptação funcional. Isso aí é mais para a Prefeitura, pra não te aposentar ela pega e te dá essa readaptação que deixa você praticamente sem fazer nada. Você fica a pessoa "jogada" pra lá. Eu acho assim que é que lá no INSS, você nunca é readaptado, eles te aposentam com o tempo. Aqui na Prefeitura não, você vai tirando licen-

ça médica, vai tirando licença médica, quando eles percebem que tem muita licença tirada, eles faz uma perícia e aí eles vão fazer uma avaliação de você, aí eles vão para a proposta de fazer readaptação para ele. E quando eles te dão a reabilitação você vai tirar licença eles não querem te dar mais, eles forçam você a trabalhar mesmo que você não faça nada aqui, eles te forçam a trabalhar. E aí você vai tirar licença médica e eles falam : "Mas você é readaptado", sou mas não tenho condição de trabalhar, mas eles não querem te dar. Às vezes mandam você trazer um relatório médico pra tirar licença. A readaptação na Prefeitura pra mim... mais é pra você trabalhar... É, não é fácil porque você não tem mais aquele prazer em trabalhar como se tinha quando trabalhava. Eu fico aí sem fazer nada, só algumas coisinhas para as pessoas, mas cabou os outros serviços que eu fazia era legal".

Trata reticentemente as questões de conflito e problemas no trabalho, não se comprometendo e dizendo "não tenho nada ao ponto de falar nada, tem algumas pessoas que a gente faz de conta que não vê, e o resto me dou muito bem com as pessoas. Atualmente não tava sendo amiga de uma pessoa que tava aí, a pouco me enchendo o saco. E o resto são meus amigos".

Vem então a questão dos amigos. Será que existem amigos de verdade? Isso não fica claro, nessa entrevista.

Ele tem também, de uma certa maneira, consciência de suas limitações e diz "você sabe tem um curso que eu fiz no SENAC que ensina a ser educado, barbeado e tem que também você ser um cara famoso, tem que fazer um curso de língua".

Para ele existe uma cisão, uma diferença de classe social entre ele e a entrevistadora, que é comprovada quando ele diz que a situação quanto a salário "ainda vai ficar pior, pra você não, porque tá fazendo estágio, mas pra mim principalmente". A entrevistadora é vista como uma pessoa sem problemas e que não compreende os problemas dele.

Ele é nordestino, o que fica fácil de perceber principalmente pelo jeito dele se expressar. Ele afirma ainda que "São Paulo já era, quer dizer, gosto de São Paulo como se fosse minha terra natal. Adoro, sei que não me acostumo lá fora só que São Paulo quem fez, fez. Quem não fez? Não faz mais. Teve uma família, aí que veio na

década de quarenta e se fizeram eles estão bem de vida. Então quer dizer quem chegar hoje não faz mais. É só ilusão. Só o que principalmente faz aqui em São Paulo é pagar aluguel. E o pessoal não deixa de não vim. Hoje tô com vinte e sete anos de São Paulo", assumindo a cidade "Hoje eu sou o cara que praticamente me considero paulistano" e passando a idéia de que a cidade é um lugar querido.

Diz ainda "tem um ditado muito certo que você se acomoda e eu me acomodei" com relação a Prefeitura. Ele é uma pessoa que vive a espera da sua aposentadoria e são esses os motivos que o prendem a essa estrutura.

Quanto ao seu tempo livre ele diz "Há sim tenho vários lazer. Futebol já joguei muito hoje é buraco e caxeta e dominó. Todo tipo de jogo que vim a gente joga, o que é bom ninguém aprende, coisa ruim é fácil de aprender. Eu amanheço o dia brincando de buraco, caxeta, branca. Minha mulher não gosta de nada. E jogo sem dinheiro não tem graça".

Ele é carente, de uma certa maneira e utiliza expressões interessantes para falar do Hospital que vai se tratar e dos médicos, como "atualmente eu tô frequentando o Hospital das Clínicas, porque lá tem tudo, eu fui semana passada, dia cinco, nem remédio tinha que o médico passou para mim (no Hospital do Servidor). Não tinha mesmo. E no das Clínicas tem, tem é outro atendimento é cem porcento, se chega lá o meu médico... médica inclusive é japonesa, japonesa não, né? Ela é nissei e ela é legal "e "vou falar com o meu médico, entro por exemplo agora nove hora ou dez horas, ele só vai me soltar lá daqui a uma hora, me examina... me dá o diagnóstico direitinho, então lá é bom, não quero lugar melhor". Ele gosta de ir lá, pois eles cuidam do seu corpo cansado e doente, lhe dispensando atenção, que é o mesmo tipo de atenção que a entrevistadora deu a ele - e por isso ele ficou grato.

ENTREVISTA 2:

Nome: N. M. A. B.

idade: 45 anos

Problemas:

pólipos no estômago

· gastrite

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 5 faltas abonadas em 95
- 13.09.94 a 16.09.94 de licença médica

Cargo: Auxiliar Técnico Administrativo

Unidade de Trabalho: Assessoria de Recursos Humanos

Formação: 3o. grau completo - Bióloga

A entrevistada se sente à vontade, para se expressar mas limita a conversa a aspectos da própria organização do trabalho, não entrando em assuntos ou características pessoais.

Mulher casada, formada como bióloga, mãe de família. Ela diz "minha mãe que soube do concurso que ia ter e... fez minha cabeça, até então, eu tinha uma imagem assim muito... muito negativa dos funcionários públicos. Sabe aquela coisa: ah... ambiente ruim, pessoa velha, sabe aquela coisa, assim... têm uma imagem assim, né? Mas ela não, vai que é bom, estabilidade não sei o que, não sei o que mais, então eu fui mais por influência dela, o concurso, né? Eh... acabei passando e fiquei. Foi meio que por acaso", ou seja, o ingresso na Prefeitura se deu por influência da mãe e a imagem negativa do serviço público já vem de longa data, desde o ingresso nesse serviço.

Ela no entanto, também reconhece vantagens desde o início, como a estabilidade "porque depois de um certo tempo você acaba não saindo mais, porque tem.... por mais que você não queira... essa história da estabilidade, se você é nova ainda, sei lá se você fica lá um ano, dois anos, três anos você ainda têm um pouco mais de coragem de largar esta estabilidade e ir atrás de alguma outra coisa, mas eu acho que depois que passa certo tempo você não troca o certo pelo duvidoso, eu acho que é meio difícil, sabe? Pelo menos eu não troco, sabe? Por menos que você não esteja cem por cento satisfeito, o salário não é aquela coisa mas ah... eu prefiro sempre estar pisando no chão, eu sei que pelo menos o emprego garantido, o salá-

rio no final do mês eu tenho, né? Não sou assim muito aventureira não, sabe? De largar e me arriscar por uma outra coisa. Eu acabei ficando no mesmo". Também existe a questão da aposentadoria e a incerteza o "trocar por uma coisa que eu não sei que o que que é, eu não tenho idéia, ao menos como se fosse alguma coisa que eu te falei, completamente diferente e uma atividade que pelo menos faz a Prefeitura me chamar atenção, proposta, é um contato assim com planta, aquela coisa com a natureza, isso seria a única coisa que me chamaria atenção. Agora, sair daqui pra ir pra outra Secretaria, não, isso pra ficar numa atividade assim administrativa, isso eu não quero, aí eu prefiro ficar aqui porque eu já conheço, já estou familiarizada, perto da minha casa, enfim". Cabe aqui lembrar que a entrevistada é mãe de duas meninas e é muito envolvida com a família; e que a possibilidade de conciliar trabalho com a casa possivelmente é um dos maiores motivos para ela continuar na Prefeitura.

Ela diz "ah... são vinte e três anos e tanto na mesma Secretaria e fazendo praticamente a mesma coisa, chega uma hora que você fica meio enjoada, né? Então é assim ah... se você for pensar em outro tipo de atividade, não, eu gosto do que eu faço tudo, mas é assim que eu não tenho mais aquele entusiasmo que eu tinha não. Então eu não tenho mais tá, já passou, sabe? E... antigamente a gente... não só eu como o pessoal aqui da área de RH, nós tínhamos aquele pique de trabalho, né? Aquela coisa de criar, de inventar e fazer, ver o resultado, ficava contente e satisfeito, não. Hoje, hoje realmente eu não sei se é só um período o que que é, mas no momento é só manutenção mesmo, entende? E é assim, depois de muito tempo também você vai descobrindo certas coisas, né? Então você vai perdendo um pouquinho daquele brilho que você tinha no começo, você vai... percebendo, conhecendo um pouquinho melhor como é o funcionamento da máquina, então você perde um pouquinho do encanto, sabe? Pelo menos foi o que aconteceu comigo, né? Não sei se por conta de eu estar no mesmo lugar. Talvez eu mudasse de Secretaria, pegasse uma outra atividade ah... né? Se eu tivesse despertado novamente este entusiasmo, né? Mas como eu estou naquela também, que eu não sei se vou me aposentar ou não, então eu não estou querendo me mexer", explicando o porquê do seu desinteresse, da sua decepção e frustração.

Ela diz "olha pelo tempo que eu tenho de Prefeitura eu nunca presenciei um momento como esse... sabe? Nunca talvez até porque talvez algum... há muitos anos atrás eu tivesse envolvida em algum clima assim, né? Talvez por ser nova e tal, ou se realmente nunca teve, mas nesses vinte e poucos anos nunca vi, nunca senti um clima como tá. Eu diria que de umas duas administrações pra cá, umas três administrações pra cá, essa coisa foi, sabe? Que você sente que vai degringolando é essa a sensação que eu tenho e no momento realmente... olha você cruza com todo mundo nesse clima. É porque aí junta uma série de coisas, tem a desmotivação profissional tem até esse problema de... salário muito baixo. As pessoas precisam de salário quer queira quer não, influencia. A própria política, né? Municipal acho que até a própria política no país também, acaba interferindo... enfim eu acho que aí uma série de coisas que... que acabam influenciando, né? Então você vê que a maior parte das pessoas realmente trabalham por obrigação e não por prazer. E olha tem bons profissionais aí, viu? Tem muita gente boa, então é uma judiação ver tanta gente boa sendo desperdiçada" que comprova que ela e mais outras pessoas trabalham aquém das suas capacidades (no caso dela, como auxiliar técnico administrativo, que só exige segundo grau, sendo que ela é formada em curso superior) e isso é ruim e acaba também por desmotivar as pessoas a trabalharem.

Cita ainda que "principalmente em outros tempos, né? Então tinha aquela coisa de você uma hora chegar no treinamento, outra hora você... fazer um boletim, outra hora você... fazer um manual, outra hora você atender outras pessoas, outra hora você fazer entrevistas, outra hora ah... você ah... como é que fala? Fazia mmm teve momentos que a gente fazia muito essa parte de redação oficial ah... mexer com processo, enfim é uma coisa muito diversificada. Então isso eu gosto e sempre gostei. No momento a gente tá meio paradão pra mim, né? Mas essa diversidade, diversificação é... ela sempre me... me chamou atenção, então eu sempre ficava muito cansada de estar fazendo sempre aquela mesma coisinha, não era uma coisa rotineira, né? É... ela acabava não sendo rotineira porque toda hora você tinha, uma

hora era alguém que queria elaborações de uma tabela, outra hora, ela mandava você inventar, sei lá, criar um roteiro, outra, fazer um relatório, outra hora, enfim, tentavasse de tudo, então realmente isso era muito rico, né? Quer dizer, teve momento que a área era mais valorizada, que era mais procurada, muito mais procurada, então acabava sendo uma coisa muito rica, muito dinâmica, entendeu? Então isso eu gostava na área, não era um servicinho bitolado, nada disso" mostrando que a imagem negativa é decorrente do próprio trabalho e da sua organização que não cria mais desafios.

Ela ainda está passando por um processo de isolamento tanto no aspecto profissional, como no pessoal que pode ser comprovado quando ela diz "Agora... eu iá tive momentos de maior contato com o pessoal, agora eu que estou mais no processo de isolamento, vai? Não proposital, mas natural está acontecendo, de repente a nossa área não é tão solicitada como era antigamente, porque tinha períodos aí, que novos servidores vinham, procuravam, a gente se dava, então toda a dinâmica de trabalho faz que você mantenha um contato com as pessoas sempre, né? Atualmente não, a nossa área não é solicitada praticamente pra nada. Você vê que é difícil alguém vir aqui, pra te pedir alguma orientação alguma coisa, uma informação enfim... seja porque o Robson muitas vezes atende diretamente, é uma coisa que ele gosta e ele faz muito bem, então as pessoas já vão direto nele não procuram mais o RH. procuram ele. Enfim por uma série de coisas e até fisicamente a gente ficou enrolada, antigamente a gente tinha um estado físico que... forçosamente permitia manter maior contato com as pessoas, agora não, a gente fica isolada, se bem que nesse canto pra mim tá muito bem, entendeu? Então você acaba tendo um contato com as pessoas realmente mais ah... profissional mesmo. Na hora que você precisa do trabalho você vai, procura e quando não precisa cê fica aqui. E eu não tenho natureza de ficar zanzando, entendeu? Isso também vai de cada um. Quem quiser bater papo comigo eu adoro, mas eu não, essa coisa de sair nas mesas e bater papo. Mas tem gente que gosta de fazer isso eu acho até legal vai uma vez, tá na mesa de um, outra tá mesa de outro, mantém contato, eu acho legal, mas eu não sou assim, entendeu? Então eu acabo ficando realmente isolada".

Ela é uma pessoa que já teve poder, mas que o perdeu e somado a todos os motivos citados anteriormente ainda entra a questão da desvalorização e da falta de reconhecimento onde ela diz "engraçado eu sou meio movida a motivação, né? Motivação não, também é assim reconhecimento, incentivo, sabe? Se pinta a minha volta aquele clima de pique, de estarem te valorizando, curtindo o seu trabalho. Você sabendo que o seu trabalho tá dando resultado, tal, não sei o que, eu vou. Se eu não sinto esse clima a minha volta eu perco todo o meu pique e atualmente eu não sinto nem um pouco disso, entendeu? Por exemplo o Robson é muito bom, muito bacana e tal... também ele nem bola muita coisa. O Chefe de gabinete então nem lembra que você existe, quer dizer nem sabe que você existe, nem sabe que existe a sua área, entendeu? Eh... é que nem eu te falei na época da gente fazer um jornalzinho que eu fazia boletim e a gente achava ótimo excelente e a gente passava informações. Eu sentia também essa coisa de pô que legal, né? Se você pedia ajuda ninguém mandava, a gente de vez em quando queria que o pessoal fizesse perguntas escritas pra gente responder, consulta sobre benefício, enfim, o pessoal também não se manifestava, então pra mim isto me desmotiva altamente. Então eu acho que no momento, qualquer coisa que a gente inventar não vai ter retorno. Então pra mim isso é um alavanca pra tudo que eu vou fazer. Eu acho que também precisa também sentir um pouco desse retorno, senão você fica fazendo, fazendo, fazendo... pra nada. Quando você vai fazer um trabalho você não faz para satisfação própria, você quer sentir que o que cê tá fazendo, tá tendo algum valor, então acho que no momento que tem valor é sim o Chefe pediu, você faz, você sabe por exemplo que o arquivo de legislação tem que estar alimentado, nós estamos alimentando ah.... poderia estar fazendo mais coisas? Poderia tem muita coisa que poderia estar fazendo até... todo tipo de trabalho nosso aqui a gente poderia estar incrementando fazendo outras coisas, mas no momento eu não vejo porque tá fazendo, percebe. Não acho legal até tá te falando isso porque você tá no começo, mas eu tô sendo assim muito sincera, entendeu? Até também porque cê trabalha aqui comigo, de repente, percebe que eu poderia estar fazendo isso, porque não faz? Eu sempre acredito, porque a gente tá assim, a gente como servidor, você fica assistindo as mudanças de administração como se fosse um filme que está passando naquela hora. Tem certos momentos que você passa a ser requisitado de uma outra forma, então nesses momentos pode reacender um pouco dessa chama, depois você volta novamente a se dedicar mais. No momento, a coisa tá meia morna, então eu tô indo conforme... a música. Sim, porque você sabe que não adianta não... vai ser diferente".

Por trabalhar há muitos anos na Prefeitura ela tem também uma idéia clara do que é o serviço público e do seu funcionamento - e também dos seus efeitos sobre os indivíduos e diz "que dependendo da administração você sente que anda um pouquinho. Dependendo da administração você pensa que ele fica todo enrolado no meio do campo, essa é pelo menos a sensação que a gente como funcionários têm, né? É... é assim, evidente que têm, dependendo da administração que algumas Secretarias se sobressaem um pouco mais, né? Em função da política daquele momento, né? Então... devem algumas táticas naquele momento estarem num ritmo de trabalho maior, mas de um modo geral essa máquina é muito emperrada, muito burocrática, muito morosa, você participa desses muitos projetos que só ficam no papel sabe? Então você percebe que isso que acaba causando essa imagem negativa, né? Que acaba refletindo no próprio servidor, né? Que a gente aqui mesmo participou de tanto trabalho, tanto projeto, tanto tempo que você gastou, que você entregou não sei o que e sabe que tá no lixo, não foi adiante, entendeu? Fica, fica frustrada e na hora que comeca pintar outro você acaba por não acreditar muito na viabilidade dele, porque você já têm uma história aí, entendeu? Então nós agui na RH na época de setenta e cinco teve um monte de trabalho, grupos de trabalhos, reuniões que a gente fazia até raiar, pra mudar não sei o que, muda não sei o que e muda não sei o que, lotes, tudo na gaveta, não saiu nada... entendeu? Ontem mesmo eu estava jogando, revisando algumas pastas, joguei aí um monte de papel de trabalhos que foram feitos e nada, então você às vezes acaba participando sem pique em alguns projetos, porque você sabe que não vai sair daquilo, entendeu? O que é diferente de quando você acredita naquilo que você está fazendo e você... se dedica e sabe que... ele vai sair, não é? Agora você às vezes acaba participando de certas coisas que você sabe que não vai andar, sabe? Então você participa por participar...

né? Eu acho que é está dimensão que você pode ter depois de de... anos de vivência, né? Porque aí você começa a entender um pouquinho como é que rola as coisas, né? Então, é por aí".

Quanto ao relacionamento dela e as demais pessoas do seu trabalho ela diz que "é mais assim... mais distante, porque eu tenho eu diria que... quase a maioria aqui eu conheço há muito tempo, há muito tempo, né? Mas não é uma amizade íntima, né? Aquela amizade de colega mesmo, né? Você cruza, você conversa, você bate papo, mas nada que você transfira daqui para fora, né?" o que nos leva acreditar que o ambiente é 'frio', quanto a relações interpessoais.

Em se tratando da doença, ela diz "na verdade nem os médicos sabem como é que aparece isso. Eles existem, né? Eu continuo tendo eles, periodicamente eu tenho que fazer exames para ter um controle, tal, né? Mas eu acabei de descobrir, quer dizer não sei, se tenho eles desde de quando eu nasci, ou apareceram agora. Não dá pra saber, entendeu? Então eu não sei te dizer também a causa deles, né! Mas eu acabei descobrindo porque peguei uma gastrite brava, né? Agora a gastrite sempre vem quando a gente tá nervosa e essa tensão pode até aqui o clima do trabalho ter contribuído, não vou falar a causa porque é devido a uma somatória de coisas. Afinal a qualidade de vida aqui em São Paulo não é das melhores, né? Então você acaba tendo influências externas, né? É a pressão, é a poluição, é o trânsito, é a falta de dinheiro, é uma série de coisas aí. Mas sem dúvida nenhuma que o clima no trabalho contribui bastante, porque afinal você passa 8 horas aqui, tirando as horas de sono, quantas horas você fica acordada e destas, quanto você fica aqui, a maior parte da sua vida você fica aqui. Se você fica aqui e não está satisfeita é claro que contribui. Eu diria que há uns dois anos atrás talvez um pouco menos, há mais ou menos um ano e meio atrás, por um período mais ou menos de três anos eu passei muito nervoso aqui, sabe? Eu tive momentos aqui, que me aborreceram tremendamente, eu figuei muito, muito magoada com algumas pessoas, então isso contribuí também, né? Mas eu não sei até que ponto, que relação que isso aí tem", ou seja, a relação do trabalho com a doença não fica clara, o que nos impede de aprofundar a questão.

ENTREVISTA 3:

Nome: N. S.

idade: 57 anos

Problemas:

- hipertensão
- problemas no coração

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 05.09.95 a 04.10.95 e 17.02.95 a 24.02.95 de licença médica
- 30 faltas abonadas em 95

Cargo: Copeira

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

A entrevistada é uma pessoa simples e de pouco estudo, mas que desenvolve bem o raciocínio e é muito sincera. A entrevista se desenvolveu de forma bastante construtiva e tranquila, e foi a mais extensa dentre todas relacionadas a mulheres nessa condições.

A entrevistada está na meia idade e o trabalho na Prefeitura para ela é extremamente positivo. Ser "registrada" é sinônimo de sobrevivência e garantia imediata. Fora isso, ela conta "eu já arrumei muita confusão aqui dentro. Por causa desse nervoso meu, eu já tive duas... suspensão, e eu já briguei muito por causa de colocar as coisas direito e as pessoas também devem ser nervosas tanto quanto eu...". Esse tipo de atitude não seria tolerado numa empresa privada e fatalmente acarretaria em demissão - por isso ela tem sorte em estar no serviço público, onde dificelmente alguém é despedido.

Ao descrever a sua doença ela faz um auto-diagnótico e diz "eu estou com um problema na cabeça, tô com problema de nervoso, né?" e ainda explica sinceramente que não tem motivos para ser assim "mesmo de coração, eu não tenho esse tipo de problema... na minha família, o problema tá em mim, mas o que é? Eu

não sei". Ela diz ainda "eu não gostaria de ser como eu sou mesmo, eu gostaria de voltar a ser como eu era antes alegre, brincalhona que tinha amizade com todo mundo, não ter raiva de ninguém" o que nos leva a acreditar que ela era uma pessoa diferente antes da doença. Mas também não fica claro o que é esse problema de nervoso e principalmente se suas causas estão relacionadas com o trabalho na Prefeitura. Ela diz que "Tem, tem, porque antes de eu discutir com a Emília, eu não era desse jeito, eu era muito alegre, muito bacana, eu me dava com todo mundo, eu brincava com todo mundo. Depois que a gente teve essa discussão feia, que eu tive esse derrame, nós discutimos feio no começo de setembro, no dia vinte e cinco de setembro, eu tive derrame aí, eu fiquei com aquilo dentro de mim, sabe? Eu vinha trabalhar, eu vinha com o coração amarrado, fechado, porque aquilo não podia ter acontecido, então isso me afetou bastante... bastante mesmo, desde desse dia eu nunca mais eu tive saúde", mas isso não foi o suficiente para podermos aprofundar a questão dessa relação doença x trabalho. Não conseguimos também entender o que de fato significa esse derrame.

Ela explica "o que eu estou sentindo agora é um tipo de uma melancolia, uma depressão melancólica. Que é pra mim me cuidar nessa parte... e eu não posso ficar nessa depressão nervosa, com essa coisa dentro de mim, eu tenho que me soltar, eu tenho que... fazer um tratamento, para mim poder melhorar. Que tem hora que eu tô sentada, quieta, aqui, e tô chorando sem que, sem querer, eu começo a chorar, eu não posso ficar muito tempo aqui, quieta num lugar, que eu despenco a chorar. Olha como é que eu fico, é isso aí" e agora também está passando por acompanhamento com psicólogos para buscar melhorar e achar a solução para o seu problema.

Com relação ao trabalho ela diz "no começo quando eu entrei na Prefeitura, a gente era bem re... remunerado, né? Eu não sei falar direito era, agora ultimamente que a coisa tá feia, né? O salário tá ruim e é... isso aí", comprovando que o serviço público não é mais tão atraente como era antigamente, opinião igual à dos outros entrevistados já analisados.

Faz também uma análise sobre a relação de trabalho e diz "atualmente a coisa que eu mais gosto de fazer foi o que eu fiz concurso pra prestar, servir na Prefeitura, ser copeira. Mas de um tempo pra cá, eu não tive sorte com colega de copa, as duas colegas de copa que eu peguei são do tipo... desmantelada, elas não são do tipo que deixa uma copa limpa, uma copa em ordem, uma copa como eu gostaria que fosse e eu não tive sorte com nenhuma das duas. Então isso influenciou bastante e... isso foi aonde me... e eu ficava nervosa com aquilo de vê, eu chegava na copa e via aqueles canecão sujo, aquela... o fogão sujo, o chão sujo, copa suja... aquilo foi me deixando num estado de nervos e eu não tinha com quem reclamar, porque se você for falar com o Chefe, o Chefe sempre fala: "É... deixa pra lá, não esquenta a cabeça à toa, a Prefeitura não é sua. Deixa isso pra lá, não esquenta a cabeça, passa por cima e eu como tive uma criação super diferente... de gosta das coisas super certinhas, eu gostaria que fosse assim, mas você sabe. Nem tudo que a gente quer é aquilo que a gente quer".

ENTREVISTA 4:

Nome: M. C.

idade: 61 anos

Problemas:

osteoporose

Faltas e/ou Licenças Médicas:

02.08.95 a 31.08.95 de licença médica

Cargo: Agente Administrativo e Serviços Gerais

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

A entrevistada é uma pessoa simples, já de certa idade, com raciocínio mais difícil de se compreender. No entanto, ela se predispôs a responder as perguntas e com o decorrer da entrevista, ela se surpreendia cada vez mais. Como a entrevistadora poderia estar perguntando de aspectos negativos no trabalho na Prefeitura se eles não existem, para ela?

A entrevistada é uma senhora já numa idade, onde é comum o aparecimento de problemas de saúde como a osteoporose, principalmente devido as características das causas da doença - gestação de bebês, onde grande parte do cálcio da mãe vai para o filho, e se a mãe não tiver tomado leite suficiente na idade crítica (até os 24 anos) ela estará sujeita a ter esse tipo de problema. Por isso nos pareceu muito mais uma questão natural, do que relacionada com o trabalho.

Buscamos então, concentrarmos esforços em outros dados interessantes. Quando ela é questionada sobre o porquê trabalhar na Prefeitura, ela diz "Como o que levou? Porque eu fui trabalhar na Prefeitura? Porque era melhor aqui", passando a idéia de que não entendia como a entrevistadora podia estar perguntando uma coisa tão óbvia. Isso se repetiu mais algumas vezes, onde ela dizia "Porque é lógico, eu trabalhava no mesmo lugar aqui pela BRASANITA e eu tendo a oportunidade de entrar na Prefeitura. Quem é que não gostaria? É claro que eu gostaria... entrar na Prefeitura, né? E ser funcionária, não é?

Ela diz "Eu estou e agora estou bem, mais ainda. É que eu fiquei muito tempo, trabalhei muito, claro que trabalhei sempre na copa, né? Trabalhei muito tempo na copa, depois da copa eu fiz concurso passei... pra... tinha feito pra serviço escolar né, passei. Mas a Miriam não queria deixar eu saí da, da Planejamento pra ir pra, pra, pra Educação, né? Então a Miriam falou, não Dona Marta, presta concurso como contínua e fica aqui com a gente e foi o que eu fiz, né? E aí eu fiquei como contínua né, e saí da copa" mostrando que o trabalho para ela é bom, e que ela teve ainda uma ascensão de cargo que a deixou mais realizada ainda.

Devido a doença, ela foi readaptada funcionalmente e tirou a sorte grande, já que o trabalho predileto dela é o atual. Isso pode ser comprovado quando ela diz "ah, o que eu tô fazendo agora (telefone). Eu adoro esse é a minha, a minha paixão e sempre foi sabe. Tanto que eu fiz um concurso pra telefonista, mas não passei, né? Então eu não fiquei". Essa paixão pode ter ligação com a idéia de modernidade que esse aparelho passa, principalmente para ela que é de gerações anteriores ao computador e ao fax.

Ela diz "eu acho que o serviço da Prefeitura é bom, mas o salário muito pouco. O salário não dá... eu ganha duzentos e sete reais isso é, é... só, venho pra não
ter que ficar em casa, porque a gente fica, fica em casa que nem o meu filho falou:
"Mãe sai da Prefeitura fica em casa que eu te pago um salário pra senhora atender o
telefone, pra senhora ficar aqui, ligo pra pedir água tudo, a gente paga mais que
isso". Mas eu não quero só isso, porque eu gosto de ficar aí, de, de trabalhar entende?" o que comprova que o trabalho para ela tem um significado de status, e não é
só uma questão financeira, de ganhar dinheiro.

Devido a condição social da entrevistada, explicada quando ela diz "trabalhei na roça, trabalhei em tanta coisa oh... minha filha. Já fiz tanta coisa, trabalhei de enxada, trabalhei na roça, fiz de tudo plantei batata, arranquei batata, colhi uva. Fiz sabe? O que dava pra fazer" nos leva a crer que o trabalho na Prefeitura foi uma grande chance para ela.

Ela praticamente não cita nenhum aspecto negativo do trabalho na Prefeitura, o que faz da entrevista dela a exceção das exceções à regra, pois mesmo aquelas pessoas que valorizam e consideram positivo o serviço público, apresentaram alguma queixa contra ele ou ao ambiente de trabalho, mesmo que mínima e ela não.

ENTREVISTA 5:

Nome: N. C.

idade: 47 anos

Problemas:

problema nos rins

Faltas e/ou Licenças Médicas:

10 faltas abonadas

Cargo: Agente Administrativo e Serviços Gerais

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 1o. grau completo

O entrevistado se sentiu orgulhoso por ter sido um dos escolhidos e não acreditava que alguém podia se interessar por ele, enquanto servidor da Prefeitura. Ao mesmo tempo ele se sentiu perseguido e repetiu várias vezes a expressão "eu... não vou mais responder" ou "não vou falar mais". Descobriu-se, com o decorrer da pesquisa, que a razão para tanta esquiva era o fato de ele ser um alcoólatra.

A entrevista foi demasiadamente impactante para ele, pois ele está a tanto tempo sem receber atenção que ele se surpreende que alguém possa se interessar por ele. Ele então repete muitas das perguntas da entrevistadora, mostrando que se surpreende a cada pergunta.

Homem de 47 anos de idade, pai de família e preocupado com o sustento desta. Ele diz "Hoje sou o que sou", passando uma idéia de que ele se sente acabado, 'velho' - uma característica já vista em outros entrevistados.

Ele explica também que na época em que ele entrou na Prefeitura o trabalho era mais valorizado, tanto que ele nem questiona o porquê ele entrou na Prefeitura como pode ser verificado na resposta à primeira pergunta, onde ele afirma "Prefeitura? Que veio fazer aqui na Prefeitura? Sei lá, eu queria emprego na época". Já o que teria desvalorizado esse trabalho com o decorrer do tempo, não ficou claro e nem eles souberam descrever ao certo.

Hoje ele desvaloriza o seu trabalho lá, afirmando "Eu acho um lixo. Eu acho uma coisa... uma das piores coisas que eu não indico pra ninguém, jamais. Um filhos meus já quiseram entrar aqui e eu disse: jamais, não vai entrar aqui nunca, tá?". Ele só valoriza o trabalho fora, dizendo que todas as atividades realizadas fora "sempre foram mais educativas que aqui" e que "Bico? Olha, bico eu faço aqui, bico é aqui. Isso aqui pra mim é bico, lá fora é ganhar dinheiro".

Acaba por não perceber que ao classificar o seu trabalho como "lixo", ele também é visto como um "lixo". É bom lembrar que mesmo falando com muita ênfase nos aspectos negativos, ele relembra que também existem vantagens em continuar na Prefeitura, como a segurança e a flexibilidade, o que pode ser percebido na sua resposta sobre o porquê não sai da Prefeitura, onde ele diz "não saio daqui, porque

tenho vinte e três anos de Prefeitura, cê eu sai daqui não tenho décimo terceiro, não tenho nada. É com uma mão na frente e outra atrás. Como eu tenho que dar uma... pelo menos um... um pouco da quantia pra minha família, porque eu não sei que dia que eu morro, se eu morro hoje, se eu morro amanhã. Eu tenho que deixar alguma coisinha pra eles, pelo menos um pouquinho um feijão e um arroz, se a Prefeitura garantir ainda, que eu não acredito que esse salário vai garantir, tá? É por isso que estou aqui ainda.

Ele fala sobre o ambiente de trabalho, dizendo que "As pessoas são sofridas, tem... a Prefeitura se divide em três níveis, tá? Cabide emprego, funcionário privilegiado e funcionário, três níveis, esse é o nível que é a Prefeitura. Sei de coisas que eu não vou falar nessa fita que eu não sei quem é que vai ouvir essa fita, sei de coisas que só eu sei e vou sair daqui com ela. Mas isso aqui é um... um antro de, de safadeza é um antro de aproveitar e é um antro de trabalhadores. Tem esses três níveis de trabalhadores aqui. Aqui tem pessoas humildes, pessoas... é... vamo, vamo tentar interpretar isso pra você, tem pessoas que... vivem naquele meio termo, puxando saco, aquele negócio todo, que fica no bem-bom prejudicando aqueles pequenos. E tem o nível mais alto, que tem o nível dos protegidos, aqueles níveis de cabide de emprego que é fora de sério. É fora de sério" conseguindo também descrever o funcionamento da máquina estatal com alguma clareza. Ele também reforça a questão da falta de reconhecimento, afirmando "eu trabalhei muito mas nunca fui... reconhecido como um bom trabalhador" e dizendo "queria ser reconhecido como um bom funcionário, sou um bom funcionário" - reclamação unânime de quase todos os entrevistados.

É importante perceber que ele diz que todos são seus amigos e que na verdade há contradição na própria afirmação dele "não amigo, todos são amigos. Eu não levo nada pro lado mal, se eu me desentender hoje, amanhã eu tô dando beijinho no rosto, sou desse jeito. Eu sou assim, amigo, eu tenho bastante mas têm os interessados, têm aqueles... têm de todos os jeitos e todos são meus amigos e me tratam bem, porque eu trato eles bem, de acordo com o nível de cada um. Me relaciono com todos eles, tá? Com nível alto, com nível médio,com nível baixo, com nível Problemas Psicossomáticos do Funcionalismo Público. 100

miserável, me relaciono com todos eles porque eu vivo na vida que é a sociedade aí fora. Que é lá fora que eu vou receber dinheiro. Se eu tenho uma vidinha boa, é devido que eu ganhei lá fora". Assim como verificado nas entrevistas anteriores, não

existem amigos e sim, quando muito, colegas.

Esse ambiente, esse trabalho e talvez as vantagens em se trabalhar na Prefeitura, o levam a um círculo vicioso, onde ele não está contente, por isso não produz (e mesmo se produzisse não teria reconhecimento), mas também não sai.

Quanto ao assunto doença, ele fica assustado ao imaginar que a entrevistadora sabia que ele bebia. A existência da preocupação do tipo: "quem te contou que eu bebo?" é então facilmente percebida e daí o motivo do sentimento de perseguição que ele sentiu.

Ele então afirma "Eu não tenho doença nenhuma, minha doença é... é eu gosto de beber. Só isso, se isso aí é doença, isso pra mim não é doença não, isso aí é coisa da vida, tá? Talvez porque o beber seja mais mal visto socialmente falando, ele está tão preocupado com isso que a doença dos rins fica desqualificada. E não desenvolve nada mais além disto, o que impossibilita maior aprofundamento do porquê do beber.

ENTREVISTA 6:

Nome: T. R. R.

idade: 48 anos

Problemas:

- problema crônico de prisão de ventre
- amigdalite
- suspeita de Chagas já eliminada

Faltas e/ou Licenças Médicas:

- 3 faltas abonadas em 95
- 02.05.94 a 11.05.94 de licença médica

Cargo: Auxiliar Técnico Administrativo

Unidade de Trabalho: Assessoria de Recursos Humanos

Formação: 3o. grau completo - Administradora de Empresas

A entrevistada aceitou, num primeiro momento participar da entrevista mas depois criou dificuldades na hora de marcar a entrevista. Não quis se aprofundar e respondeu friamente as perguntas. Ela parece também não ter o perfil típico de um servidor público.

Aos 48 anos de idade, é formada em administração. É interessante notar que o ingresso na Prefeitura parece ter sido algo do destino e não uma opção, já que ela diz "prestei concurso, passei comecei a trabalhar e trabalhar", não fazendo referência a uma possível escolha.

Ela tem pouco tempo de trabalho na Prefeitura. Por isso ao ser questionada sobre a possível influência do ambiente de trabalho no processo da doença ela remete ao passado e diz "não digo aqui, porque eu já vim com uma certa bagagem, uma certa experiência, então eu não levo tudo a ferro e a fogo mas talvez no meu primeiro emprego sim, porque eu sou muito... como se diz, eu tenho muita ansiedade, eu sou muito impaciente, então eu quero pra já, promete? Se o Chefe promete aumento eu quero já, eu quero saber quanto, como, sabe? Então era mais ou menos assim. Então eu acredito que tenha sido se passado de um começo, passado de uma certa responsabilidade pra mim, mesmo que eu não tivesse tão solta, nem que eu tivesse que revirar meio mundo, ficar vinte quatro horas ali, eu nunca iria chegar e falar: Tá, eu não consegui. Entendeu? Eu queria dar conta do recado, então eu acho que isso eu me forcei muito, talvez por caminhos errados, né? Talvez tenha sido prejudicial. Às vezes a gente tem que se esforçar, mas a gente tem que procurar caminhos mais leves, coisas mais leves. Sem muita tensão".

Não ficou clara na nossa entrevista, a relação de suas doenças com o trabalho especificamente na Prefeitura, já que ela afirma que mesmo em outros lugares era ansiosa e impaciente.

Ela diz "eu acho que... aquela imagem que eu tinha de serviço público realmente, é real, depende de cada um porque nem, não é aquela coisa que... percebe-

se que o pessoal não leva a sério, mesmo porque eu acho que não devo, pelo fato de ter estado, então a pessoa não tem incentivo assim pra... procurando melhorar. Ela não teve expectativa de melhora, então ela se... vai depender de cada um, né? Se a pessoa já tem aquela índole de ser um pouco acomodado de não buscar, então se acomoda porque, primeiro bom, isso aqui eu vou ter... até guando eu guiser, ninquém vai me mandar embora. Então... a pessoa se acomoda lógico, se eu trabalhar recebo e se eu não trabalhar recebo e se eu não trabalhar recebo do mesmo jeito e não vão me mandar embora, e se a pessoa tem essa tendência, realmente é um bom lugar. Agora pra quem tem expectativa de melhora... de objetivo, aqui não é um bom lugar, tem tendência a acomodado, reconhecendo vantagens e desvantagens em se trabalhar na Prefeitura, diferentes para cada tipo de pessoa. Por ter tido maiores opções de escolha, ela diz "Não, eu não sinto frustração porque de repente é uma coisa assim, sabe? Eu estou aqui consciente então é uma coisa assim, deixa eu ver, se eu fizer melhor, eu vou ter que buscar e pra buscar tem que buscar lá fora e lá fora e devido... a idade, mulher, bem casada, quer dizer, tudo isso são coisas que tolhem, principalmente a idade, então depois que passa essa faixa etária dos trinta já é meio difícil de buscar lá fora. Eu vou ter que... procurar coisas que me satisfaça agui dentro, mesmo porque eu já estou em fase da aposentadoria então, quer dizer. não adianta deixar aqui pra ir buscar, a não ser que eu tenha condições de montar uma coisa por conta própria", reconhecendo que existem vantagens para ela e de uma certa maneira definindo-se como "acomodada" - e que na sua idade uma tentativa de buscar alguma coisa diferente fora, geralmente fracassaria (tem consciência de suas limitações).

Reafirma também a hipótese já prevista de que no ambiente de trabalho da Prefeitura, não existem relações fortes entre as pessoas, de amizade, ao dizer "É, eu acho que é bom. A gente tem um bom relacionamento. Acho que a nível de trabalho, né? De colega de trabalho. Tudo parece acabar no fim do dia, com o passar do cartão na catraca magnética.

ENTREVISTA 7:

Nome: D. S.

idade: 46 anos

Problemas:

desmaios e tonturas repentinas

Faltas e/ou Licenças Médicas:

2 faltas abonadas

09.12.94 a 16.12.94 e 30.09.94 a 05.10.94 de licença médica

Cargo: Agente Administrativo

Unidade de Trabalho: Assessoria de Recursos Humanos

Formação: 1o. grau completo

A entrevistada é uma pessoa simples que responde com poucas palavras as perguntas feitas. Ela se sentiu lisonjeada por ter sido escolhida para participar da entrevista e tentou responder com franqueza, mas se retraiu um pouco por perceber que a conversa seria gravada.

Mulher de 46 anos, mãe, divorciada e portadora de deficiência física (não possui um braço). Por todas essa condições e somando-se a falta de um estudo prolongado, o trabalho na Prefeitura para ela é bom, valorizado - e talvez tenha sido também sua única oportunidade de trabalhar. Isso pode ser comprovado quando ela diz "É... porque eu precisava mesmo, por necessidade, né? E eu sempre tive vontade. Sempre tive vontade de trabalhar, né?" e "O primeiro trabalho meu foi esse, então pra mim tá bom".

A doença parece ter sido causada principalmente pelas condições de vida dela - alimentação, moradia e saúde. Ela de maneira nenhuma reclama do seu trabalho (só quando o assunto é salário) e quando questionada sobre uma possível relação doença x trabalho ela diz "Como assim que me prejudicou? Não. Pelo contrário,

fico mais a vontade eu nem..". o que comprova que o trabalho é extremamente positivo para ela.

Ela gosta muito do trabalho e diz que ele "é bom pra cabeça, pro corpo eu não vejo a hora de levantar e... o lazer meu é este. Condução e tudo às vezes fica um pouco nervosa, mas faz bem sabe? Não é você ficar só presa dentro de casa. Você não tem noção de nada, trabalhando você aprende muita coisa e é bom. Final de semana eu fico em casa, porque eu sei que na semana eu vou me distrair, vou trabalhar vou... né? Então pra mim é bom". Não é só pelo motivo financeiro, mas porque ela o encara como atividade social e até como lazer. Lá, ela tem a possibilidade de conviver com pessoas de outro nível social, o que é visto como uma espécie de ascensão social. Fora esses fatores ele combina com o jeito dela de uma tal forma que ela chega a afirmar que "é a melhor coisa da minha vida" e que no final de semana ela não vê a hora de "vir para o trabalho".

Possivelmente é também graças ao trabalho que ela consegue sair do ambiente doméstico dela, que deve ser difícil e duro.

O interessante é verificar que ela diz "ah, eu não gosto de... das pessoas que vem dar palpite, que é do mesmo nível que eu e começa a dar palpite querer... passar mesmo por cima daí eu não gosto" o que comprova que ela não gosta das pessoas do mesmo nível e que só aceita sugestões ou críticas vindas de pessoas acima dela.

Ela também diz "tenho bastante colegas, amigos mesmo é muito difícil, né?" o que nos indica que a questão dos fracos laços de amizade é tão comum, que abrange muitas pessoas independentemente de suas diferenças (ela aparece em todas as análises já feitas).

ENTREVISTA 8

Nome: O. T. do N. F.

idade: 57 anos

Problemas:

problema nas "juntas"

joelho incha

Faltas e/ou Licenças Médicas:

09.08.95 a 18.08.95 e 13.07.95 a 22.07.95 de licença médica

Cargo: Motorista

Unidade de Trabalho: Assessoria Administrativa

Formação: 3o. grau incompleto - Ciências Contábeis

O entrevistado confundiu algumas idéias. Respondeu sobre o racismo numa pergunta que não abria resposta para esse tema. Mas respondeu com vontade às demais perguntas e a entrevista correu de maneira descontraída e tranquila.

Homem de 57 anos, motorista, que faz questão de dizer que é negro. Para ele, a sua cor é o seu 'calcanhar de Aquiles', questão que aparece quando ele diz que "racismo por eu ser negro, eu era, sempre trabalhei na área de administração, né? Inclusive eu fui Chefe administrativo do INAMPS do Ministério chefiando os funcionários. Saí dali, fui trabalhar na Formalar construtora, lá tinha cerca de três mil funcionários, né? E durante eu cansei de escutar, negro nunca foi gente, porque tá mandando em todo mundo? Coisas assim, né? Como eu já estava... com o meu pé de meia na língua popular, eu percebi que não deveria mais me aborrecer e aí eu... quando estava no INAMPS levei uma turma de funcionários lá para fazer inscrição na Prefeitura e na brincadeira eu acabei fazendo também, como motorista, e calhou nessa época de quando eu estava aborrecido, me chamaram e eu entrei no emprego. E acabei ficando" e alega ser esse o motivo para ele ter trocado o emprego antigo pela Prefeitura.

Existem indícios quando ele diz que "sempre trabalhei na área de administração, né? Inclusive eu fui Chefe administrativo do INAMPS do Ministério chefiando os funcionários. Saí dali, fui trabalhar na Formalar construtora, lá tinha cerca de três mil funcionários, né?" e depois se contradiz quando fala que "levei uma turma de funcionários lá para fazer inscrição na Prefeitura"; que nos levam a acreditar que ele vê o trabalho dele, como de nível baixo e por isso sujo, enquanto que o trabalho administrativo é mais valorizado e limpo.

Não existem evidências para afirmar que a doença, no caso dele, tenha relação com o trabalho, pois ele diz "porque veja bem, eu fui... um atleta velocista, tenho medalha de prata em casa, fui pugilista e hoje eu tenho problema nas pernas e é ruim, né? E eu tenho como fatalidade. Eu acho que é o que tinha que acontecer. Pra quem tem medalha de prata e foi pugilista, né? E agora têm problema nas pernas é ruim, não é? Eu acho que é uma fatalidade. Eu acredito que seja assim é... excesso de exercício" o que nos leva acreditar que pode ter sido originada pelo pugilismo e não por outros motivos, como propunha a pesquisa. Por isso, procuramos analisar com mais afinco a questão - outros fatores.

Ele afirma "pra ser sincero eu venho aqui como bico e não como emprego porque eu sou técnico em refrigeração, ar condicionado e máquina-de-lavar, então eu ganho mesmo é lá fora. Aqui é mais pra aposentadoria" o que comprova que ele busca valorização fora da Prefeitura, desprezando-o, considerando-o como um bico. Isso deve-se um pouco, ao fato de que lá ele não encontra reconhecimento e que ele necessita complementar a sua renda, trabalhando como técnico fora. Ao mesmo tempo ele não percebe que se beneficia dessa estrutura confusa (serviços de turno) - e que é ela quem permite a busca do trabalho fora e consequentemente a ascensão social dele.

Existe também um espanto quando o assunto é Prefeitura, que é percebido quando ele responde "O que levou? É... é sério? O aborrecimento", ao se tratar da primeira pergunta. Entrar na Prefeitura parece não ter sido uma opção e sim 'coisa do destino' assim como em alguns outros casos anteriores.

Conclusões:

1ª Parte:

Essa parte engloba a caracterização geral dividida em três categorias e cada uma delas será explicada a seguir:

1. Características comuns aos homens:

Os homens entrevistados estão na faixa etária dos 50 aos 60 anos e se encontram em cargos de escalão mais baixos (como porteiro, motorista ou contínuo). É interessante notar que apesar da idade média não ser alta, eles se sentem envelhecidos e acabados.

A doença para eles acabou por resultar numa readaptação funcional, onde eles teoricamente foram realocados para novas funções mais compatíveis com suas limitações. É válido lembrar que não subiram de cargo, ou foram para trabalhos menos 'pesados' por causa disso.

Todos já tiveram, ou têm trabalhos fora da Prefeitura, devido principalmente a estrutura confusa desta e sua flexibilidade, presente nos serviços de turno, que acabam por gerar tempo livre, onde os funcionários buscam renda extra, com serviços fora e bicos.

É nesses serviços fora e bicos, que eles se realizam e são reconhecidos e é também onde garantem a renda familiar, preocupação presente em todos os casos. Esses são também alguns dos motivos que levam ao desprezo destes com relação ao trabalho na Prefeitura.

Mas eles estão conscientes que existem algumas vantagens no serviço público, como a estabilidade, a aposentadoria e o salário garantido (mesmo que pequeno). E essas vantagens levam-nos a um círculo vicioso, onde eles não estão satisfeitos com o trabalho na Prefeitura, não produzem, não têm reconhecimento, mas também não se desligam dessa estrutura.

Uma melhor visualização pode ser feita a partir do quadro abaixo:

Homens

- faixa etária dos 50 60 anos
- se sentem envelhecidos, acabados
- não vêem o trabalho na Prefeitura como principal atividade
- se utilizam da flexibilidade, da estrutura confusa da Prefeitura para buscar serviços fora
- valorizam e buscam o reconhecimento no trabalho fora da Prefeitura
- se preocupam com o sustento da família
- readaptação foram realocados em decorrência dos problemas de saúde
- círculo vicioso
- 1. não estão satisfeitos com o trabalho na Prefeitura
- 2. não produzem
- 3. não têm reconhecimento
- 4. mas também não se desligam dessa estrutura

2. Características comuns às mulheres:

As mulheres entrevistadas estão na faixa etária acima dos 45 anos, ou seja, numa idade onde já é difícil achar serviço fora, no mercado - e elas estão conscientes disso.

Muitas têm filhos, e todas têm casa para cuidar. É aí que aparece uma vantagem forte em trabalhar na Prefeitura, a que esse trabalho permite à elas conciliá-lo com as tarefas domésticas.

Não existe para elas, a questão da obrigatoriedade em sustentar família. É provável também que, por isso, nenhuma delas faça bico ou serviço fora.

Existe uma divisão maior com relação às demais caracterizações, onde há a formação de dois grupos: o das que tiveram maior estudo e oportunidade e o das que não tiveram.

As que tiveram maior estudo e oportunidade consideram o trabalho na Prefeitura negativo, desvalorizando-o, por aspectos da própria organização, como a falta

de desafios e liberdade para criar e renovar. Isso acontece principalmente porque trabalham aquém das suas capacidades.

Nas suas entrevistas limitaram-se a aspectos da organização, procurando não expôr dados pessoais.

As que não tiveram tanta oportunidade foram mais sinceras e mesmo se expressando com poucas palavras, tocaram mais em questões relacionadas a dados pessoais. Para elas o trabalho na Prefeitura é extremamente positivo, algo que dá status e proporciona riqueza de convivência e possibilidade de ascensão profissional. Pode também ter sido a única oportunidade dessas mulheres trabalharem e assim saírem do ambiente doméstico que deve ser duro e difícil.

O quadro a seguir fornece uma melhor visualização dos dados obtidos.

Mulheres

- faixa etária acima dos 45 anos
- têm consciência de que é difícil para uma mulher nessa idade conseguir emprego no mercado
- não têm obrigatoriedade de sustentar família

Se dividem em dois grupos, nas demais características:

As que tiveram maior estudo As que não tiveram tanta oportunidade desvalorizam o trabalho na Prefeitura valorizam o trabalho na Prefeitura vêem esse trabalho como negativo, trabalho é algo bom, positivo, que dá principalmente pela própria organistatus - há a possibilidade de ascensão zação deste, pela falta de desafios e profissional e é um lugar de riqueza de liberdade para criar convivência trabalham aquém das suas capaci-· com o trabalho da Prefeitura, elas sadades em do ambiente doméstico que deve ser difícil e duro limitam se a informações da própria se expressam com poucas palavras, organização do trabalho e não em mas sinceramente dados pessoais

3. Características comuns aos homens e mulheres:

Ambos têm uma visão ampla sobre o trabalho na Prefeitura. Sabem do lado positivo do trabalho na Prefeitura e das suas vantagens: como a estabilidade, a segurança, a flexibilidade e a aposentadoria. E sabem também como funciona a máquina estatal descrevendo-a de maneira mais ou menos complexa de acordo com as capacidades individuais.

Eles ingressaram, de maneira geral, na Prefeitura, numa época onde ela oferecia atrativos e até hoje o encaram como algo do destino e não como uma escolha. Com o passar dos anos descobriram que existem desvantagens e que o serviço público desmotiva, porque há a falta de reconhecimento e a desvalorização do serviço e do funcionário (esses sentimentos são mais acentuados nas mulheres de maior estudo e nos homens).

Outro aspecto interessante é que o ambiente de trabalho é determinado por um nível de convivência formado por colegas, e não por amigos, que se isolam de uma certa maneira um do outro. Isto é, a Prefeitura não permite sociabilidade.

Em relação aos objetivos da pesquisa, é bom frisar que não puderam ser cumpridos, pela falta de dados que permitissem a vinculação entre o trabalho e a doença.

Essas caracterizações são melhor visualizadas no quadro abaixo.

Homens e mulheres

- sabem que existem pontos positivos no trabalho da Prefeitura estabilidade, aposentadoria, segurança e flexibilidade
- têm uma idéia clara do trabalho na Prefeitura de maneira mais ou menos complexa descrevem esse trabalho
- sentimentos como falta de reconhecimento e desvalorização aparecem principalmente entre as mulheres de maior estudo e os homens
- na época de ingresso na Prefeitura- era algo bom
- não tem a idéia de opção entrar na Prefeitura parece algo do destino
- não têm amigos o nível de convivência é de colegas, se isolam de uma certa maneira

2 a Parte:

O primeiro entrevistado vê a doença assim "*não, não a minha doença veio normalmente*". Como algo natural e inevitável. É importante observar que ele só tem 49 anos.

Ele também é carente, de uma certa maneira e utiliza expressões interessantes para falar do Hospital que vai se tratar e dos médicos, como "atualmente eu tô frequentando o Hospital das Clínicas, porque lá tem tudo, eu fui semana passada, dia cinco, nem remédio tinha que o médico passou para mim (no Hospital do Servidor). Não tinha mesmo. E no das Clínicas tem, tem é outro atendimento é cem porcento, se chega lá o meu médico... médica inclusive é japonesa, japonesa não, né? Ela é nissei e ela é legal "e "vou falar com o meu médico, entro por exemplo agora nove hora ou dez horas, ele só vai me soltar lá daqui a uma hora, me examina... me dá o diagnóstico direitinho, então lá é bom, não quero lugar melhor". Ele gosta de ir lá, pois eles cuidam do seu corpo cansado e doente, lhe dispensando atenção.

A segunda entrevistada diz, em se tratando da doença que "na verdade nem os médicos sabem como é que aparece isso. Eles existem, né? Eu continuo tendo eles, periodicamente eu tenho que fazer exames para ter um controle, tal, né? Mas eu acabei de descobrir, quer dizer não sei, se tenho eles desde de quando eu nasci, ou apareceram agora. Não dá pra saber, entendeu? Então eu não sei te dizer também a causa deles, né! Mas eu acabei descobrindo porque peguei uma gastrite brava, né? Agora a gastrite sempre vem quando a gente tá nervosa e essa tensão pode até aqui o clima do trabalho ter contribuído, não vou falar a causa porque é devido a uma somatória de coisas. Afinal a qualidade de vida aqui em São Paulo não é das melhores, né? Então você acaba tendo influências externas, né? É a pressão, é a poluição, é o trânsito, é a falta de dinheiro, é uma série de coisas aí. Mas sem dúvida nenhuma que o clima no trabalho contribui bastante, porque afinal você passa 8 horas agui, tirando as horas de sono, quantas horas você fica acordada e destas, quanto você fica aqui, a maior parte da sua vida você fica aqui. Se você fica aqui e não está satisfeita é claro que contribui. Eu diria que há uns dois anos atrás talvez um pouco menos, há mais ou menos um ano e meio atrás, por um período mais ou menos de três anos eu passei muito nervoso aqui, sabe? Eu tive momentos aqui, que me aborreceram tremendamente, eu fiquei muito, muito magoada com algumas pessoas, então isso contribuí também, né? Mas eu não sei até que ponto, que relação que isso aí tem", ou seja, a relação do trabalho com a doença não fica clara, o que nos impede de aprofundar a questão.

A terceira entrevistada ao descrever a sua doença, faz um auto-diagnótico e diz "eu estou com um problema na cabeca, tô com problema de nervoso, né?" e ainda explica sinceramente que não tem motivos para ser assim "mesmo de coração. eu não tenho esse tipo de problema... na minha família, o problema tá em mim, mas o que é? Eu não sei". Ela diz ainda "eu não gostaria de ser como eu sou mesmo, eu gostaria de voltar a ser como eu era antes alegre, brincalhona que tinha amizade com todo mundo, não ter raiva de ninguém" o que nos leva a acreditar que ela era uma pessoa diferente antes da doença. Mas também não fica claro o que é esse problema de nervoso e principalmente se suas causas estão relacionadas com o trabalho na Prefeitura. Ela diz que "Tem, tem, porque antes de eu discutir com a Emília, eu não era desse jeito, eu era muito alegre, muito bacana, eu me dava com todo mundo, eu brincava com todo mundo. Depois que a gente teve essa discussão feia, que eu tive esse derrame, nós discutimos feio no começo de setembro, no dia vinte e cinco de setembro, eu tive derrame aí, eu figuei com aquilo dentro de mim, sabe? Eu vinha trabalhar, eu vinha com o coração amarrado, fechado, porque aquilo não podia ter acontecido, então isso me afetou bastante... bastante mesmo, desde desse dia eu nunca mais eu tive saúde", mas isso não foi o suficiente para podermos aprofundar a questão dessa relação doença x trabalho. Não conseguimos também entender o que de fato significa esse derrame.

Ela explica "o que eu estou sentindo agora é um tipo de uma melancolia, uma depressão melancólica. Que é pra mim me cuidar nessa parte... e eu não posso ficar nessa depressão nervosa, com essa coisa dentro de mim, eu tenho que me soltar, eu tenho que... fazer um tratamento, para mim poder melhorar. Que tem hora que eu tô sentada, quieta, aqui, e tô chorando sem que, sem querer, eu começo a chorar, eu não posso ficar muito tempo aqui, quieta num lugar, que eu despenco a chorar. Olha

como é que eu fico, é isso aí" e agora também está passando por acompanhamento com psicólogos para buscar melhorar e achar a solução para o seu problema.

A quarta entrevistada é uma senhora que já está numa idade, onde é comum o aparecimento de problemas de saúde como a osteoporose, principalmente devido as características das causas da doença - gestação de bebês, onde grande parte do cálcio da mãe vai para o filho, e se a mãe não tiver tomado leite suficiente na idade crítica (até os 24 anos) ela estará sujeita a ter esse tipo de problema. Por isso nos pareceu muito mais uma questão natural, do que relacionada com o trabalho.

O quinto entrevistado, quanto ao assunto doença, fica assustado ao imaginar que a entrevistadora sabia que ele bebia. A existência da preocupação do tipo: "quem te contou que eu bebo?" é então facilmente percebida e daí o motivo do sentimento de perseguição que ele sentiu.

Ele então afirma "Eu não tenho doença nenhuma, minha doença é... é eu gosto de beber. Só isso, se isso aí é doença, isso pra mim não é doença não, isso aí é coisa da vida, tá? Talvez porque o beber seja mais mal visto socialmente falando, ele está tão preocupado com isso que a doença dos rins fica desqualificada. E não desenvolve nada mais além disto, o que impossibilita maior aprofundamento do porquê do beber.

A sexta entrevistada, ao ser questionada sobre a possível influência do ambiente de trabalho no processo da doença, remete ao passado e diz "não digo aqui, porque eu já vim com uma certa bagagem, uma certa experiência, então eu não levo tudo a ferro e a fogo mas talvez no meu primeiro emprego sim, porque eu sou muito... como se diz, eu tenho muita ansiedade, eu sou muito impaciente, então eu quero pra já, promete? Se o Chefe promete aumento eu quero já, eu quero saber quanto, como, sabe? Então era mais ou menos assim. Então eu acredito que tenha sido se passado de um começo, passado de uma certa responsabilidade pra mim, mesmo que eu não tivesse tão solta, nem que eu tivesse que revirar meio mundo, ficar vinte quatro horas ali, eu nunca iria chegar e falar : Tá, eu não consegui. Entendeu? Eu queria dar conta do recado, então eu acho que isso eu me forcei muito, talvez por caminhos errados, né? Talvez tenha sido prejudicial. Às vezes a gente tem que se

esforçar, mas a gente tem que procurar caminhos mais leves, coisas mais leves. Sem muita tensão".

Não ficou clara na nossa entrevista, a relação de suas doenças com o trabalho especificamente na Prefeitura, já que ela afirma que mesmo em outros lugares era ansiosa e impaciente.

No caso da sétima entrevistada, a doença parece ter sido causada principalmente pelas condições de vida dela - alimentação, moradia e saúde. Ela de maneira nenhuma reclama do seu trabalho (só quando o assunto é salário) e quando questionada sobre uma possível relação doença x trabalho ela diz "Como assim que me prejudicou? Não. Pelo contrário, fico mais a vontade eu nem.." o que comprova que o trabalho é extremamente positivo para ela.

Com relação ao oitavo e último entrevistado, não existem evidências para afirmar que a doença, no caso dele, tenha relação com o trabalho, pois ele diz "porque veja bem, eu fui... um atleta velocista, tenho medalha de prata em casa, fui pugilista e hoje eu tenho problema nas pernas e é ruim, né? E eu tenho como fatalidade. Eu acho que é o que tinha que acontecer. Pra quem tem medalha de prata e foi pugilista, né? E agora têm problema nas pernas é ruim, não é? Eu acho que é uma fatalidade. Eu acredito que seja assim é... excesso de exercício" o que nos leva acreditar que pode ter sido originada pelo pugilismo e não por outros motivos, como propunha a pesquisa.

Como pode ser percebido pelo resultado das análises, não conseguimos chegar a uma correlação total entre doença e trabalho, conforme descrito no projeto depesquisa.

3 ª Parte:

Com os resultados obtidos e suas análises percebeu-se semelhanças com o trabalhos, citados na Introdução da pesquisa.

Com relação ao trabalho de Bárbara Heliodora França, no texto "Funcionário Público: Trabalhador como os outros?" da revista do Serviço Público, v. 118, n. 2, jul-ago de 1994, p.199-212, pôde-se verificar que existe semelhança quanto à des-

crição de sexo, idade e estado civil da amostra analisada, onde no conjunto, são pessoas de idade entre 30 e 50 anos, que se dividem entre casados, solteiros, viúvos e desquitados e que habitam bairros menos favorecidos, ainda que em casa própria, sonho principal daquele que não a possui. Seu lazer é ficar em casa com a família assistindo televisão. Tomados estes dados, pode-se supor que tem existido pouco interesse da parte dos mais jovens - entre 18 e 25 anos - de fazerem parte do corpo de servidores civis no Brasil.

A questão do padrão de rendimento e das condições de vida desses funcionários citada pela autora também foi verificada em nossa pesquisa, já que esses padrões de rendimento dos funcionários de nível médio (N.M.) são muito próximos aos mais baixos existentes no país (lembrando que nível médio é na verdade, um nível baixo - que não exige terceiro grau)

Sessenta por cento deles não ganham mais do que cinco salários mínimos (500 dólares). Por sua vez, mesmo o conjunto da renda familiar com o complemento do salário do (a) companheiro (a) ou de outros membros da família, só lhes permite uma vida modesta, sem grandes gastos ou aspirações, ou seja, como nas expressões de muitos "ganhando pra comer".

Soluções como os "bicos" surgem então, como forma de assegurar a sobrevivência até o fim do mês - um outro emprego - quando o Chefe dá um "jeitinho" ou o horário que "o trabalho permite". A "muamba", que é toda sorte de quinquilharias vendidas - embora proibidas - durante o horário de serviço, para outros colegas. São desde docinhos caseiros à lingerie. E, ainda, a armadilha do recurso ao agiota. A maioria pensa ter "muita sorte" quando pode acumular empregos ou fazer um "bico". Ou seja, de diferentes formas, o funcionário cria alternativas criativas de sobrevivência.

Quanto à descrição das rotinas, a identidade da nossa pesquisa com a da autora foi total: o que nos leva a acreditar que nada muda muito de um órgão estatal para outro.

Ela descreve que, em geral, o funcionário N.M. realiza tarefas repetitivas e cansativas sejam elas, destinadas à população externa ou ao próprio órgão e seus

servidores. Ainda que os que trabalhem com o público tenham uma rotina mais animada - uma vez que é sempre alterada pelos imprevistos apresentados pelas diversas demandas - pouco espaço existe para a criatividade ou a improvisação.

Mesmo no país do "jeitinho" existe um fluxo a seguir, normas e procedimentos a respeitar e a preocupação das chefias é a de "não deixar o serviço acumular".

Por isso, cotidianamente, é preciso distribuir a documentação recebida pelo malote; dar procedimento aos processos entregues no protocolo segundo os setores de destino; controlar as entradas e saídas dos memorandos, cartas, telex ou fax; arquivar, datilografar, movimentar e ter o controle do patrimônio; orientar o público sobre o "andamento" dos seus processos; sobre como fazer um requerimento ou uma declaração; fiscalizar os serviços de limpeza da empresa contratada; providenciar a execução dos serviços de manutenção do prédio, de transporte, da compra de material; controlar as frequencias, faltas, ou licenças dos funcionários do órgão; secretariar e dar apoio aos gabinetes de direção.

Portanto, não é difícil compreender que a maioria demonstre insatisfação com o trabalho que realiza. A maioria sonha em exercer atividades em onde possam usar os conhecimentos aprendidos na universidade.

Esse aspectos citados anteriormente aparecem nas entrevistas feitas na nossa pesquisa também.

A autora acredita que majoritariamente tais funcionários não se sentem aptos a concorrer no mercado de trabalho, uma vez que, em sua visão idealizada do setor privado, pensam existir somente nos trabalhos que realizam, a rotina, a submissão e a pouca criatividade. Por isto poucos entre eles buscam ou buscaram ainda um segundo trabalho, que lhes gratifique pessoal e financeiramente. Já nas nossas entrevistas feitas e analisadas, os motivos porque eles não saem da Prefeitura são outros (vantagens que essa oferece).

O baixo salário, falta de reconhecimento social, ausência de perspectivas de transformações positivas nas sua condições de vida, como também a realização de um trabalho subordinado, cuja possibilidade de tomar decisões e ser responsável

por elas lhes é interditado são as características encontradas pela autora que levam à desmotivação e em nossa pesquisa, elas também apareceram.

Fora todas essas características que levam a desmotivação, João Mellão Neto nos lembra em um artigo para o jornal Diário Comércio e Indústria do dia 5 de outubro de 1995, que ainda existe todo um "pré-conceito" contra essa categoria funcional, e diz que apesar dele não ser "português", "papagaio", "político", "homossexual enrustido", "marido traído" ou "donzela de araque" basta ser funcionário público para que ele dispute com os tipos acima o papel de personagem predileto do maledicente anedotário brasileiro. Adjetivos como: privilegiado, parasita, indolente, incompetente e até corrupto são frequentemente associados a ele.

Diz ainda que os fatos não confirmam esses rótulos. Existem cerca de 5 milhões de servidores públicos no Brasil, o que corresponde a menos que 10% do PEA - População Economicamente Ativa (adultos sadios, entre 14 e 65 anos de idade, aptos para o trabalho - 65 milhões de pessoas) do País. Trata-se de um percentual inferior ao de todos os países desenvolvidos, excetuando o Japão - e portanto falar de "inchaço da máquina pública", ao menos em termos quantitativos é uma grosseira inverdade.

Da mesma forma não condiz com a realidade a afirmação de que o funcionalismo público seja uma casta de "marajás". Afinal com exceção de uma restrita elite superfuncionários, a esmagadora maioria percebe salários inferiores aos oferecidos pelo mercado para funções congêneres. Cabe ainda lembrar que dentro do Estado a divisão de renda é mais concentrada do que no seio da sociedade em geral.

Cita ainda a existência dos "apadrinhados", mas lembra que mais da metade entrou na carreira por concurso público.

Esse sofrimento dos funcionários pôde ser de certa maneira avaliado na nossa pesquisa. Os próprios funcionários acabam por criticar o seu trabalho chegando a desprezá-lo, não mais considerando-o como atividade principal e sim como bico.

Arakcy Martins Rodrigues em seu artigo entitulado "Mulher e família entre operários e funcionários públicos: uma comparação" da Revista de Administração de

Empresas, v. 20, n.2. abr-jun de 1980. p. 43-50, traçou um paralelo entre essas duas categorias.

Desse estudo, o que nos interessa é a hipótese formulada pela autora de que o emprego público constitui uma forma de ascensão social, dada a trajetória do grupo; a relação com o estado é do tipo identificativo; o que há de mais valioso, no vínculo, é a pertinência; grandes frustrações são oferecidas no presente, mas uma total segurança é garantida para o futuro; o mundo fora do estado é visto como repleto de ameaças terríveis.

Alguns desses aspectos apareceram nas entrevistas analisadas na nossa pesquisa, mas não a questão da identificação dos funcionários com o aparelho estatal.

Outro ponto interessante é que a autora diz que as mulheres entre os funcionários públicos exercem um papel muito mais semelhante ao do homem, participando das decisões financeiras e da educação dos filhos. Esse papel da mulher, que trabalha e que cuida da casa, apareceu nas entrevistas feitas na nossa pesquisa.

Bibliografia utilizada:

- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades.
 Revista de Administração de Empresas, v. 35, n.2. mar-abr de 1995. p. 57-63.
- FRANÇA, Bárbara Heliodora. Funcionário Público: Trabalhador como os outros?.
 Revista do Serviço Público, v. 118, n. 2, jul-ago de 1994.p. 199-212.
- 3. **RODRIGUES**, Arakcy Martins. *Mulher e família entre operários e funcionários públicos: uma comparação*. Revista de Administração de Empresas, v. 20, n.2. abrjun de 1980. p. 43-50.
- SANTOS, Hugo dos. As práticas do trabalho organizador no setor público e federal. Revista do Serviço Público. 95 (4: p. 26-40) out.-dez. 1963.